

Arroz (falhas) Arroz do fugado.

- 1) Alhoim do campo, os mesmos usos do Romuim, mas me contra as moléstias do estomago e corações.
- 2) Arroz do campo, nas moléstias dos intestinos, com astringente, e bom para levar a lacta em tempo de epidemia.
- 3) Alfavaca do campo, incitante, rebolivo e bom nas constipções.
- 4) Arroz do campo, como a officinal.
- 5) Arroz, (caca) em banhos contra as inchanças das pernas.
- 6) Arrozinha, contra ulcenas, dores rheumaticas e constipções, inchanças das pernas.
- 7) Baiçunã, poderoso fortificante do utero.
- 8) Balisa, contra as caimbras de raque e espinha da vida. — Cinamomo, p: larvaquã, mas.
- 9) Carquejinha, nas menstruações at difficis.
- 10) Cambaã, vias respiratorias, expectorante.
- 11) Cambuzinho idem, idem
- 12) Bacubary (caca) na bronchite asthmatica.
- 13) Cangirãria (caca), purgativa e vomitiva.
- 14) Caroha, contra bubas, ulcenas e caneres venereos.
- 15) Coirama. contra as hemorrhoidas.
- 16) Cartucha roxa, alivia as ataqes de Asthma.

LM 0079

PLANTAS MEDICINAIS DE PORTO ALEGRE E DE SEUS ARRABALDES COM SUAS APLICAÇÕES POPULARES

1. Açoita cavalo [uso] casca e flores. Poderosos remédios contra a tosse, resfriados e moléstia dos brônquios.
2. Alevante. Uso folhas. Contra os males do estômago, as constipações e febres.
Abacate (folhas) doenças do fígado.
Arruda.
3. Alecrim do campo, os mesmos usos do Romarino, máximo contra as moléstias do estômago e coração.
4. Araçazinho do campo, mas moléstias dos intestinos como adstringente, e bom para lavar a boca em tempo de epidemia.
5. Alfavaca do campo, excitante, e bom nas constipações.
6. Arnica do campo, como a oficial.
7. Aroeira, (casca) em banhos contra a inchação das pernas.
8. Aroeirinha, contra úlceras, dores reumáticas e inchação das pernas.
9. Baicuri, poderoso fortificante do útero.
10. Baliera, contra as câimbras de sangue e exposição da via.
Cinamomo, para lavar feridas más.
11. Carquejinha, nas menstruações difíceis.
12. Cambarás, vias respiratórias, expectorantes.
13. Cambuazinho, idem, idem.
14. Bacubary (casca), na bronquite asmática.
15. Cangiranã (casca), purgativa e vomitiva.
16. Caroba, contra boubos, úlcera e cancos venérios.
17. Caisana, contra hemorróidas.
18. Cartucha roxa, alivia os ataques de asma.
19. Cancorosa, contra as feridas.
20. Carrapicho rasteiro, diurético, usa-se na gonorréia.
21. Cartucho branco.
22. Canelinha de veado.
23. Catinga de mulata.
24. Cipó milome, mordedura de animais venenosos.

25. Cipó caninana, infusão em cachaça contra mordeduras de cobra.
Capim cidró, estômago.
26. Funcho, contra gases, aumenta a secreção láctea.
27. Eucalipto, folhas, antifebril (chá), para lavar feridas, em cigarrilhas contra a asma e as bronquites.
28. Fel da terra, estomacal e aperitivo, vide. Nº 57
29. Flor de Pedra.
30. Gervão (chá), constipações, rouquidão, tosse.
31. Guaco, tosse, bronquite.
32. Cambutá.
33. Cabriúva, as mesmas propriedades do Bálsamo
34. [branco]
35. [branco]
36. Erva de lagarto, feridas rebeldes, erupções e coceiras.
37. Erva de passarinho, diurética e contra os cálculos renais.
38. Erva da vida, bom para o coração e os olhos.
39. Erva de Bugre, maduro contra resfriados.
40. Erva tostão, para o fígado e as crianças.
41. Erva de Sta. Maria, contra os vermes intestinais.
42. Erva lanceta,
43. Erva de Nossa Senhora,
44. Erva cidreira,
45. Erva de bicho, contra as hemorróidas.
46. Erva doce, estomacal, contra flutuosidades.
47. Hortelã pimenta, estomacal e contra os vermes.
48. Erva da pontada.
49. Ao 54- [branco]
55. Fungo.
56. Funchoria.
57. Figueirinha, contra asma e na esterilidade.
58. Figueira do inferno
59. Fava de Sto. Inácio
60. Fedegoso
61. Fel da terra

62. Feno
63. Feto
64. Figo
65. Figueira
66. Flor de norte
67. Fruta de lobo, de cotia, pomba, de pão.
68. Farno, funcho.
69. Maçanilha
70. Malva, emoliente.
71. Marcela, para o estômago e intestino.
72. Mangerona, sudorese.
73. Maria mole para banhos.
74. Mirta.
75. A 81- [branco]
82. Juá (raiz), doenças da bexiga.
- 83-84 – [branco]
85. Losna, tônico estomacal, contra vermes e febre.
86. Nogueira, depurativa, conteriodo.
- 87-94 [branco]
95. Pata de vaca, grande diurético.
96. Pixinica, nas cólicas.
97. Poejo, contra tosse.
98. Picão, torrado em pó nas feridas e diurético poderoso.
99. Pitangueira, nas diarréias.
100. Pariparoba, doenças do fígado e de senhoras.
101. Pendão de milho, diurético.
102. Pania, vomitiva, moléstias de estômago, fígado.
103. Quitoco, contra o reumatismo.
- 104-106 [branco]
107. Romã, adstringente, contra solitárias.
108. Salsa-moura, grande depurativo.
109. Salsaparrilha, grande depurativo para o sangue.
110. Salsa da horta, diurético, antifebril.
111. Salva, fortifica o estômago, é diaforrética, excitante.

- 112. Samambaia, contra o reumatismo.
- 113. Sabugueiro, o mesmo uso do europeu.
- 114. Sabugueirinho, os mesmos usos do sabugueiro.
- 115. Sete sangrias.
- 116-119 [branco]
- 120. Tarumã (casca) na gonorréia.
- 121. Tanchagem.
- 122-124 [branco]
- 125. Veludinha.
- 126-130

A oração tem por fim elevar nossa mente a Deus no intuito de prestarmos as homenagens que lhe são devidas e de unirmo-nos cada vez mais a ele.

Ora, estes atos de elevação de mente e de união, podem depender dos nossos dos esforços auxiliados pela graça ou unicamente da graça tua. No 1º caso temos a oração ordinária e no segundo a oração extraordinária. Aquela, auxiliada pela graça de Deus, toda e qualquer pessoa pode fazê-la, esta, porém, não é qualquer pessoa que a pode fazer porque algo dessa graça que Deus concede a todos, se faz preciso uma graça especial que Deus não concede a todos. E esta graça e a que, se dá o nome de graça ou dom de oração mística, sem a qual a oração extraordinária ou estado extraordinário a que isto conduz, não poderia [sobreviver].

Assim é que estados extraordinários são aqueles em que a alma pela a oração extraordinária se eleva, sem que de uma parte propriamente falando, tenha contribuído, e não só para o aparecimento ou produção, mas nem mesmo para a duração e qualidade ou intensidade.

Pois essa oração lhe é concedida quando ela menos pensa, e uma vez que ela tem consciência de estar nestes estados não poderá nem aumentar quanto à intensidade ou duração, porque assim como ou assim também desaparece quando ela menos pensa, não raras conquanto penso de sua parte. Por isso, teologia mística é a ciência que estuda aqueles atos ou estados ditos místicos ao grau da oração extraordinária, nos conduz.

Assim que há duas espécies ou graças de oração, a oração ordinária e extraordinária ou mística. Estados místicos ou atos sobrenaturais são aqueles cuja reprodução não dependem da nossa vontade, geralmente falando; porque são de tal

natureza que se uma pessoa os quisesse produzir, não o conseguiria nem se quer por nem só instante e sob qualquer grande intensidade. Há atos, porém, que conquanto sejam também sobrenaturais; todavia, Deus deixa a vontade do homem podê-los produzir ou não; tais são, por exemplo, os atos de fé, de esperança, de contrição, etc..., os quais o homem tem plena certeza de poder produzi-los, se corresponder à graça de Deus que nunca Ele nega, afim de que possamos merecer. Diga-se a mesma coisa com relação a muitas ações meritórias, como sejam: socorrer os pobres, mortificar-se, pôr-se em oração, etc... Por isso mesmo os pregadores exortam os fiéis a praticarem estes atos, e seria realmente absurdo, se não dependendo de nossa vontade, eles nos exortassem a praticá-los.

Há, porém, atos, ou melhor, fenômenos sobrenaturais que não dependem nem de nossos esforços nem de nossa indústria ou atividade. Assim, eu perderia meu tempo se me esforçasse com toda a energia de minha vontade para profetizar, ou para ver a Deus ou meu anjo da guarda ou a Satanás; não poderia como acima dissemos, definindo os atos místicos, não poderia produzir estes fenômenos sobrenaturais nem mesmo de leve e por um só instante. E é a estes atos ou estados que nós chamamos oração extraordinária, atos ou estados místicos.

A oração ordinária pode ser comparada à atmosfera que circunda o nosso globo, onde aves podem mover-se a seu bel-prazer, e devido a este elemento que nos rodeia, elas podem afastar-se da terra e remontar a grandes alturas, segundo que possuem asas mais robustas.

Porém esta atmosfera tem seus limites e além destes limites, nenhum dos seres que habitam a superfície da terra, poderá ultrapassar. Pois bem, essas regiões, as quais nem nós nem as aves poderíamos remontar, representam os estados místicos e o vácuo divino, e lá nenhuma ave mística poderá subir, por maiores que sejam as suas asas e os esforços que empreguem. Porque só Deus acolá as poderá fazer remontar, neste caso elas se portam passivamente, deixando-se transportar pelas mãos divinas, e não precisam mais bater as suas asas; porque não se conduzem; mas são conduzidas.

E nesta região, abandonam seu antigo modo de agir, deixar-se-ão levar pelos novos modos de agir, que não dependerá nem dos próprios esforços nem da própria indústria; mas unicamente de quem as conduz por essas regiões inacessíveis.

Por isso, teologia mística é a ciência que estuda os atos ou os estados místicos. E que por definição, em força desta definição, ainda que o homem possa na oração experimentar um fervor surdo e muito vivo; todavia, não poderá dizer que estes

fenômenos pertencem ao estado místico. Porque conquanto este fervor não dependa geralmente, da nossa vontade, porque do contrário não existiria a aridez da oração; todavia, não constitui, ainda assim, propriamente falando, um estado ou ato místico. Pois, como acima declaramos, para que possamos classificar um ato como pertencente a um dos estados místicos, é necessário que o não possamos, nem mesmo de leve e por um só instante, produzi-lo. Ora, não podemos, e quando queremos, por um só instante e de leve, produzir um sentimento ou ato amor de Deus, isto é, a devoção. Ora, o fervor e o amor divino que experimentarmos na devoção não é um estado extraordinário de oração; senão comum e ordinária, ainda que especial, suposto mesmo que se tornasse muito intenso esse amor.

A oração, pois, extraordinária, indicada por Santa Tereza com o nome de oração sobrenatural, segundo a mesma Santa, é a que não podemos adquirir pelos nossos esforços, por maiores que eles sejam. O mais que nós poderemos fazer é dispormos para ela, isto é, para esse fim imediato, é dizer da oração mística ou extraordinária. E é por isso que ela disse que a oração de repouso e sobrenatural, isto é, extraordinária, é por tanto acima de todos os nossos e indústrias(sic).

A este estado dão vários nomes os místicos: Santa Tereza chama-o de estado sobrenatural e para não confundir com a oração ordinária e outros estados que são também sobrenaturais, acrescenta a palavra - extraordinário ou chama-o simplesmente de estado extraordinário ou místico. Assim é que quando Santa Tereza usa destas expressões - de estado sobrenaturais de oração -, ela se serve de uma locução abreviada para significar que ela se refere a estados manifestamente sobrenaturais. Assim na oração ordinária, os atos já são por si sobrenaturais e meritórios, porém, se a fé não me ensinasse, eu ignoraria. Assim quando eu pronuncio com amor o nome de Jesus, minhas faculdades não produzem aparentemente, senão um ato natural, em tudo semelhante ao que um párvulo produziria repetindo o nome de sua mãe: pelo contrário, no estado místico, há ai alguma coisa que nos mostra mais ou menos claramente, que Deus intervém. Assim, para aduzirmos um caso simples e claro; se a uma pessoa aparecesse Nossa Senhora, teríamos um fato não somente sobrenatural, senão também manifestamente sobrenatural. Este fato, portanto, seria um acontecimento místico propriamente dito. Em segundo lugar esta expressão de - estados extraordinários, admite dois sentidos, sentidos, segundo que nossas faculdades agem de um modo novo, desconhecido no curso da vida natural, ou segundo que elas agem ou agimos de um modo que conquanto não se possa classificá-lo como raro, não já entre as pessoas

piedosas; senão no conjunto dos cristãos, e neste caso poderia ser extraordinário por excelência ou sobrenatural, e a esse outro poderia chamar-se de maravilhoso ou fora do comum. Em terceiro lugar, levam estes estados o nome de estados passivos, e queremos dizer simplesmente que se recebe alguma coisa de outrem. É empregado para o estado místico; implica uma abreviatura, isto é, a de estado passivo místico ativo; para significar que a nossa atividade toma nessa recepção. Em um estado estritamente passivo sem fazer coisa alguma. E Santa Tereza diz que por isso mesmo que nossos sentidos materiais os ouvidos, a vista, etc., são faculdades passivas reagem. Por oposição, a oração ordinária é classificada de ativa.

Por último, faz-se preciso não confundir a teologia mística com a ascética. A ascética ocupa-se das virtudes; indica as suas naturezas, as suas espécies, os meios para adquiri-las, os obstáculos, as exagerações ou contra-facções às quais estão sujeitas, etc. e o ponto de contato que ela tem com a mística, é que ela como aquela, ocupa-se também da oração. Mas por convenção seus limites não se estendem além da oração ordinária; isto é, aquilo que como as virtudes, depende também do trabalho e esforços do homem auxílio pela graça de Deus que nunca falta.

Assim, a “Imitação de Cristo” não é, como alguns supõem, uma obra mística, mas sim ascética.

A palavra mística costuma ser empregada pelos literatos modernos sob vários aspectos. Assim há quem a empregue para significar em primeiro lugar que tem ou é [levado] por algum ideal divino ou humano; 2º, para designar uma pessoa que não pode explicar claramente as altas razões de sua paixão e então a chamam de mística por causa desse mistério, dessa obscuridade, dessa ciência intuitiva e incomunicável.

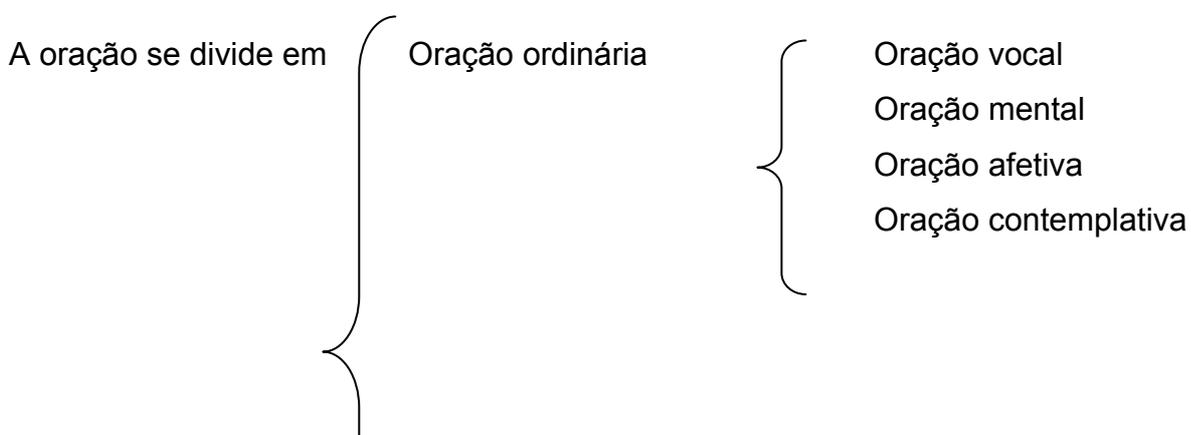
Numa palavra classifica-se de místico tudo que é ao mesmo tempo entusiástico, obscuro e que não vive como os demais homens, tomando por realidade o que não passa senão de uns sonhos. E segundo o caso será que um escritor enigmático, um utopista que prega um sistema social ou místico etc... Assim a escola racionalista de Cousin tratava aos cristãos de místicos, porque eles admitiam o sobrenatural. Esta mudança de denominação lhe permitia destacar-se [do] cristianismo sem se dar muito a conhecer.

Sobre os 4 graus ou degraus da oração ordinária: oração vocal, mental, afetiva e de simplesmente ou fixação de mente ou simples olhar. Aqui trataremos somente das duas últimas.

Na oração contemplativa, a alma fixa mentalmente a divindade e segundo o seu grau de intensidade, sem discursos, sem imagens, sem dela uma idéia, um conceito grandioso, ama-a e absorvida por ela, permanece como que adormecida. - O padre Monet diz que depois que o homem faz grandes progressos na meditação, passa insensivelmente à oração afetiva, que é intermediária entre a meditação e a contemplação, como o é a aurora entre a noite e o dia; e como a aurora participa da escuridão da noite e da luz do dia; assim se oração afetiva, participa ainda do discurso, porém pouco em comparação do tempo que ele emprega a afeições, digo, porém pouco em comparação do tempo que ele emprega nas afeições: Porque tendo adquirido muitas luzes pelo prolongado uso das considerações e dos arrazoamentos, entra um dia, entra digo, imediatamente no sujeito, e vê todo o prosseguimento sem grande esforço. Daí nasce que a proporção, que se vai aperfeiçoando, vai deixando os raciocínios, contentando-se de um simples lance de vista, de uma doce recordação ou lembrança amorosa de Deus e de seu filho Jesus Cristo, etc... E produzem-se então diversas emoções amorosas, segundo que os diversos movimentos que o Espírito Santo lhe dá; mas quando ele chegar ao mais elevado ponto da perfeição, a oração simplificará e dominará as suas afeições, como, outrossim, as suas luzes, de sorte que a alma permanecerá algumas vezes uma hora, duas e até três e até mesmo um dia e mais com um mesmo sentimento de amor ou de contrição, de reverência e de qualquer movimento do qual ele recebeu a impressão.

São Tomas, digo, Santa Tereza diz que a alma não deve prescindir dos discursos de entendimento senão quando Deus a elevasse a um grau mais alto de oração de qualidade, isto é, o geral tem por fim uni-la amorosamente a Deus. (*Vid. Traiti du Theologia mystique de Jesus, Dumitime Niton. Paris, Victor Retaux, Libraire Editeur 82 Rui Bonaparte (V.sa.) 1901*).

A oração tem por fim elevar-nos ou unir-nos espiritualmente a Deus. Divide-se em oração ordinária, intermediária e extraordinária, e ambas por sua vez se subdividem, a oração ornaria em vocal e mental a intermediaria em afetiva e amorosa, a extraordinária em oração de união semiplena (qualidade), plena, estática e transformante.



Oração intuitiva, amorosa ou

Oração extraordinária
ou união mística

1. quietude ou união mística incompleta
2. união plena
3. união estática
4. união transformação ou deificante dita também esponsalício espiritual da alma.

Oração mística

Graus e caracteres primários:

1. Presença de Deus sentido experimental
2. Toque interior (sentido? Espiritual)

Caracteres secundários:

1. não depende da nossa vontade,
2. o conhecimento de Deus é obscuro e confuso,
3. esse modo de comunicação divina é demais incompreensível,
4. esta união não se produz nem por imagens, nem por raciocínios.
5. varia de intensidade.
6. não requer menos trabalho que a meditação
7. é acompanhada de um sentimento de amor, repouso, prazer e as vezes de sofrimento.
8. conduz a as diferentes por si mesmo e muito eficazmente.
9. age sobre o corpo e onde mais impede mais ou menos a produção de certos atos interiores, isto é produz o que se chama *liamem-ligature*.

raciocínios.

eficazmente.

Sobre os quatro graus de oração ordinária e principalmente sobre os dois últimos. São quatro os graus de oração ordinária; o 1º diz respeito à oração vocal, o 2º a

oração mental ou discursiva; a 3^o a oração afetiva e o 4^o a oração de simplicidade ou simples olhar, ao 2^o grau podemos acrescentar a leitura mediata ou refletida.

Aqui falaremos tão somente das duas últimas orações, isto é, da oração afetiva e da de simplicidade; porque os outros pertencem à ascética.

A oração afetiva é aquela, na qual as reflexões ainda subsistem, porém são menos variadas e menos numerosas do que as emoções afetuosas. Daí o nome de oração afetiva; porque predomina mais o afeto do que as reflexões. Assim é que a alma simplificando-se quanto aos atos intelectuais, aumenta quanto aos da vontade. Quando, porém, este processo de simplificação se estender até a mesma vontade, então teremos atingido ao que se chama oração de simples olhar ou de simplicidade. Assim é que as afeições que na oração afetiva eram mais numerosas do que as reflexões e as idéias, agora por sua vez tornam menos variadas também e menos numerosas. Daí o nome de oração de simplicidade ou de simples olhar. São Francisco de Salles chama-a de recolhimento ativo ou repouso ativo por oposição ao repouso ou recolhimento místico, isto é, passivo; chama-a também de quietude ativa, por oposição a verdadeira quietude e que, com um sentido diferente, Santa Tereza a domina: Contemplação ordinária ou adquirida. (vide contemplação).

Muitos autores não falam deste grau de oração de simplicidade, talvez porque, supõem estar compreendido na oração afetiva que eles consideram como dois graus de elevação. E neste caso não há senão uma questão de palavra.

Para que estes estados possam constituir dois graus de oração, e necessário que eles se possam prolongar por mais de alguns minutos, por exemplo, por espaço de um quarto de hora e até por mais tempo. Porque nada mais fácil para nosso espírito que apesar de um modo simples por espaço de tempo muito curto e todos podem constatar pela experiência o que afirmamos como também o contrário.

Quando dissemos que os atos da inteligência e da vontade cessam quase por completo, não queremos afirmar que estas duas faculdades permanecem imóveis e inativas; mas unicamente que diminuem a multiplicidade e a variedade destes atos, tanto quanto é suficiente para concentrarmos a nossa atenção em um só ponto imaterial. Em resumo, estes estados não são extremamente diferentes dos da oração mental, porque eles constituem um discurso ou raciocínio que se tornou menos variado e menos visível, e que por isso mesmo abre campo mais amplo ao amor. As idéias como os sentimentos subsistem; porém, sucedem-se mais lentamente e mais suavemente. No fundo, a oração de simplicidade, não é senão uma lenta continuação de simples miragens.

Estes dois estados como os outros, podem suceder-se, ligando-se entre si e entre a oração discursiva por uma continuação de transição insensível; pois, na simplificação dos atos eles poderão ser mais menos numerosos. Não existe propriamente uma como demarcação entre estes estados e que constituam como tantas balizas capazes de assinalarem os seus limites, por exemplo, os limites entre as orações afetivas e de simplicidade, entre as orações afetivas e de simplicidade, entre estas e a oração mental ou metódica.

Assim é que não existe nada de misterioso nem de difícil a compreender-se nestes dois últimos graus de oração ordinária, e nós mesmos, talvez sem pressentirmos, a tenhamos feito, quando em nossas visitas o Santo Sacramento, ali adiante do tabernáculo algumas vezes nos ajoelhamos e permanecemos por algum tempo sem meditarmos ou recitarmos alguma oração vocal. Então nos contentamos de permanecer tranqüilamente, compenetrados do pensamento que Deus e o Nosso Senhor Jesus Cristo ali estão presentes. Pois bem, isto é, precisamente o que se chama oração de simplicidade, conquanto não dure senão poucos instantes. E que a oração de simplicidade constitui como um meio de transição, porém suavíssimo para os estados místicos. E nem podia deixar de ser assim, porque ordinariamente também aqui a lei da continuidade se verifica, confirmando o axioma que *non dantur saltus in natura*.

Na ordem natural encontramos estados análogos aos da alma e longe de nos admirarmos do que se dá na ordem sobrenatural, poderíamos adivinhar a priori a existência destes estados sobrenaturais.

Assim a mãe que vela sobre seu pequeno que jaz no berço, pensa nele com amor durante horas inteiras sem discursos ou raciocínios. Dois amigos não têm sempre idéias para trocá-las entre eles, e não obstante isto, eles permanecem longas horas um ao pé do outro, gozando tranqüilamente da presença um do outro ou da felicidade que experimentam achando-se juntos. O pequeno, separado da família, tem uma lembrança intensa e persistente, porém sem raciocínios. A pena não é menos forte conquanto ele perca algumas vezes o sono e que a sua saúde esteja comprometida. Assim quando uma paixão amorosa nos afeta, nós pensamos de manhã e de noite na pessoa que nos é cara; mas este pensamento, este sentimento são muitas vezes sem variedade. É sempre a mesma imagem confusa que reaparece; a mesma lembrança alegre ou dolorosa que nos afeta. Cada vez que ela se apodera de nossa alma, nós nos comprazemos sem experimentarmos a necessidade de mudá-la. Enfim, o artista permanecesse como imóvel, quando é impressionado pela vista de um belo quadro. Em resumo nas grandes

preocupações de espírito ou de sentimentos de dor de alegria de admiração, encontra-se seguido esta fixação, esta imobilidade da idéia e da lembrança. Por último direi que estas simplificações da alma aparecem durante a oração, dão-se também nos outros exercícios da vida interior. Por exemplo, os exames de consciência, fazem-se mais por intuição ou intuitivamente e mais rapidamente, por uma simples passagem de resenha; isto é, por um simples olhar.

Os objetos destas orações podem ser constituídos por todos os objetos dos quais nos servimos para meditar:

- Deus, Jesus Cristo, os mistérios ou os estados interiores;
- a Virgem Santíssima,
- os Santos, etc...

Não obstante isto, diremos que a oração de simplicidade tem geralmente uma tendência para simplificar-se ainda mesmo com relação ao seu objeto, que por isto mesmo, reduz não raras vezes a unidade.

Então, nos contentamos em pensar em Deus ou em sua presença de uma maneira confusa e geral; o que constitui uma lembrança afetuosa de Deus. Este estado que mais do que aquele, que mais digo, do que qualquer outro estado ordinário, se aproxima dos estados místicos ou extraordinários, chama-se: - oração de atenção amorosa para com Deus. Neste caso, os outros objetos não são excluídos; porém não tem senão uma importância secundária. Eles sobrevêm como tantos simples ornamentos aplicados sobre um fundo uniforme, isto é, o pensamento de Deus.

Faz-se, porém, preciso notar que não toda a oração de simplicidade se reduz a este sujeito único; porquanto, esta oração de atenção amorosa para com Deus, tão recomendada por todos os livros ascéticos, mais com esta particularidade, que nela há menor número de pontos de raciocínios; porque não é uma meditação sobre a presença de Deus.

Podemos nesta espécie de oração servir-nos da imaginação para que nos auxilie; mas neste caso, ela não multiplicará as representações; mas tão somente os tornará mais vivas e mais intensas. Assim durante o dia ela poder-nos-á prestar bons serviços, reapelando(sic) a nossa mente os quadros por nós formados durante o tempo da meditação, feita pela manhã. O que consistia uma oração simples e suave. Neste estado podemos ter distrações, como igualmente sucede na oração de discurso ou meditação. O que constitui um aborrecimento e um trabalho afim de rechaçá-los: não

obstante isto, a oração de simplicidade, chama-se oração de repouso, porque como dissemos, há diminuição de discursos ou raciocínios.

Nestes estados têm-se consolações e às vezes, aridez. Quando se sente aridez e que não se pode voltar à meditação, esta inação pode tornar-se assaz penosa; mas nem por isso se deverá deixar a oração; pois, assim como pelo fato de se ter esgotado o objeto da conversação que se tem com um amigo, não se deixa de lhe fazer companhia; assim também no nosso caso, não se deve abandonar esta oração, pelo fato de nos parecer que Deus se escondeu, nem tão pouco pela fadiga que poderemos sentir, a qual pode variar de uma pessoa para outra, e que será sempre menor quanto mais a graça agir sobre nós.

As orações afetivas como as de simplicidade são superiores à meditação sob o ponto de vista dos exercícios da vontade; por quanto há aí mais amor, visto a atividade ser menos absorvida pelo raciocínio. E diga-se o mesmo em relação à inteligência nas pessoas instruídas na via espiritual. Porque então, estas pessoas, em última análise, não deixam de ter menos idéias, nem estas deixam de ser menos profundas do que aquelas que se adquirem meditando. Porque elas as têm de uma maneira mais simples e mais intuitivamente. Da mesma forma que um sábio, hábil nas ciências, abraça uma multidão de conhecimentos de um só relance de vista. Porém para as pessoas que não estão suficientemente instruídas em relação à vida espiritual, não podem existir estas segundas vantagens, como costuma suceder com os principiantes, pouco versados sobre a prática das virtudes ou sobre a vida ascética.

Seu espírito não encontra nada para resumir; por outro lado, não procurando estas pessoas penetram o objeto pela meditação, elas não aprendem quase nada no tempo da oração. E neste caso, não se deve esperar que Deus supra a esta deficiência a semelhança de um professor que nos ensina novas verdades. Porque então ele se contenta de nos auxiliar pelas graças ordinárias a lembrar-nos das graças adquiridas.

Assim é que às pessoas mediocrementemente instruídas nos caminhos da perfeição, estas espécies de oração, serão de progresso pelo lado da vontade; mas não já pelo lado de inteligência. Pelo que não se segue que esta sorte de oração as instrua menos do que a meditação e que se deve aconselhar que as abandone quando se têm sinais evidentes de que Deus as chama a praticar este gênero de oração. O que então se deve fazer, é explicar-lhes estes diversos graus de oração por meio de leitura, instruções, etc... Terão assim horas para se instruírem e horas para se abandonarem ou se darem as

práticas do amor de Deus. E além disto essas leituras lhe fornecerão argumentos e material muito útil para o tempo de oração.

Por último diremos que se considerarmos a questão sob o ponto de vista da prática exterior das virtudes, a oração de simplicidade tem tanta força como a meditação se a pessoa for instruída, porque então ela poderá produzir atos de amor para com Deus e estes atos a impelirão à obrigação. Seria uma ignorância crassa supor-se que o exercitante se pode apegar aos belos sentimentos; pois então se admitiria, além disso, que ele amaria a Deus sem perceber nem se sentir inclinado a querer o que dele exige o amor de Deus.

Se a pessoa não for instruída sobre a palavra abnegação, dar-se-lhe a competente instrução como acima dissemos. Nem todas as pessoas, porém, tem a mesma facilidade para patentear, digo, praticar principalmente a oração de simplicidade. E entre as pessoas que se adaptam a este modo de orar, há quem possa prolongá-la mais do que outras.

Assim é que muitas vezes para tanto é bastante uma graça ordinária, quando se trata de pessoas que além de possuírem um caráter particular, dedica-se a certas ocupações mais apropriadas ou a cultura intelectual.

Mas há indivíduos que precisam de uma graça especial. Não obstante isto não se pode dizer constituído em um estado místico, porque esta graça outra causa não faz senão prolongar um ato que nós podemos produzir quando queremos. Eu digo o contrário, isto é, que o caráter das graças místicas está em fazer produzir atos que não são absolutamente de nossa dependência ou disposição, ainda mesmo por um só instante e de leve. Quem está habituado a meditar alguma verdade eterna, por exemplo, vinte ou trinta vezes as considerações sobre este sujeito não pode lhe interessar muito, pois esta como que blasé. E tal consideração se tomaria inútil para ele: porque ele a tem presente em sua mente, e abarca-a de um só golpe de vista; pois pelo prolongá-la, formar-se-á um modo de vê-la como que englobadamente (sic). E assim que chegar-se-á pouco a pouco à oração de simplicidade, contanto que para isto uma pessoa se preste.

Por isso, Huges de Saint Victor, falando desta oração diz: A contemplação é um olhar penetrante que sem esforço abraça ao mesmo tempo diversos objetos. Os que, porém, chegam mais rapidamente a este grau de oração, são em 1º lugar aqueles que como Santa Tereza, possuem pouca memória e pouca imaginação. Eles se contentam com pouco e não têm gosto de procurarem com grandes esforços o que a natureza lhes prodigaliza com tanta parcimônia. Pelo o contrário o simples olhar custa mais aos

indivíduos em que estas duas faculdades se acham muito desenvolvidas ou que possuem um temperamento muito agitado. Eles são acometidos por uma imensidade de recordações de imagens e de emoções sensíveis e acham mais prazer nesta variedade do que em um estado passivo, monótono como o deserto. 2º as almas simples, [inletradas] não possuem o gosto das grandes considerações. Com poucas idéias elas sentem-se satisfeitas diante de Deus. Para elas é suficiente amar.

Há naturezas magnéticas, que sentem grande transporte para todos os exercícios em que o amor toma mais parte do que o raciocínio. Geralmente as mulheres abundam mais do que os homens destas disposições. Nas ordens religiosas contemplativas, como as orações duram muito, chega-se facilmente e com muita rapidez a simplificá-las; pois muito se fadigaría a mente se tivesse de discorrer continuamente.

As disposições naturais e o nosso gênero de vida influem muito sobre este gênero de oração. Assim é que muitas pessoas sem ter quase nenhum conhecimento dos graus de meditação chegam, não obstante isto, a oração afetiva, por assim dizer, quase que naturalmente, quando outros só conseguem chegar a certos graus depois tão somente, de haver passado pelos graus intermediários.

Para facilitar este gênero de oração, é bom, segundo Santo Inácio, tomar para tema ou sujeito da oração, não já virtudes abstratas, senão fatos históricos. Quando se medita sobre um mistério da vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, é fácil fazer predominar as afeições, testemunhando a ele ou à sua Mãe Santíssima o respeito, o amor, a gratidão e a compaixão que experimentamos por eles e travando com Eles santos e amorosos colóquios.

Para experimentarmos se podemos sair bem neste gênero de oração, se poderá fazê-la uma ou outra vez e por alguns instantes. Caso sejamos bem sucedidos, argumentar-se-ão a duração e a freqüência. E é precisamente isto que os autores recomendam para adquirir a oração de simplicidade, sob a denominação de método de pausas.

Não exageremos, porém, a palavra pausa porque com ela queremos indicar, não já que se fica em um estado de inércia; senão que então se age de uma maneira mais simples e menos variada. A alma neste caso, toda embebida de uma idéia por um sentimento, permanece, por um certo tempo a nutrir-se dessas idéias ou desses sentimentos.

E é esta a interpretação que podemos dar ao conselho de Santo Inácio, quando sobre qualquer ponto eu encontrar ou achar devoção, devo repousar pelo tempo mais longo que

me for possível, sem procurar ir mais adiante. Ele aconselha também que se volte àqueles pontos que, nas meditações precedentes, nos causaram mais consolações ou desolações. Todavia faz-se preciso proceder com muita discrição. Assim é que não nos entregaremos muito às afeições, senão quando nos acharmos bem instruídos sobre a meditação e estivermos suficientemente exercitados neste processo de orar por discurso ou raciocínio. Diga-se o mesmo em relação aos demais graus de oração.

Courbon adverte que nesta passagem de uns graus para outro, há três inconvenientes a evitar-se: 1º, o de não deixar o grau ou abandoná-lo em que nos achamos; 2º, o de o deixar muito tarde, 3º, o de o deixar subitamente. As regras que se seguem, indicarão a conduta que devemos ter.

Como nos devemos conduzir.

Poderá o confessor ou o diretor reconhecer nas pessoas que se dão a oração afetiva ou de simplicidade, alguns sinais, pelos quais se possa com grande probabilidade julgar se estas pessoas agem na oração sob o influxo divino? Há dois sinais, a saber: o sucesso e o progresso das mesmas, neste gênero de orações, poderão orientar-nos relativamente a este assunto.

Quando ao sucesso, ele existirá se a pessoa encontrar facilmente nestes exercícios e se adaptar tão bem a este gênero de oração como ao da meditação. Quando ao progresso, requer-se que este gênero de oração a auxilia na pratica das virtudes como a auxiliariam a meditação.

Ainda temos sinais mais evidentes e vem a ser, quando, a facilidade com que a pessoa pratica estes gêneros de oração, é acompanhada de uma atração persistente para com esse gênero de oração ou de uma dificuldade e de um certo desgosto para a meditação.

Posto que uma pessoa se ache nestes estados de oração, como poderá distinguir-se se seu estado deve atribuir-se a uma ação de graça ou talvez da negligência ou preguiça? Responda dizendo que poderemos atribuir a um influxo da graça, se a oração tem a sua marcha regular e produz bons frutos em nossas almas.

Regras de conduta para o tempo da oração de simplicidade:

- 1ª regra: concernente aos atos para os quais não sentimos gostos ou facilidade durante a oração, tais como a reflexão, as orações vocais, as súplicas, etc..., Não

devemos jamais fazer violência para produzi-los; mas contentar-nos unicamente com a oração de simplicidade dado que possamos ser bem sucedidos, como aqui supomos.

- 2ª regra: concernentes aos atos pelos quais sentimos facilidade, devemos ceder a esta facilidade ou tendência em lugar de permanecermos imóveis. Porque agir de outra forma seria contrariar a ação divina. Por último direi, que se o indivíduo já se acha nesse grau de oração, tratando-se da oração afetiva, deve preparar o sujeito sobre o qual versará a sua oração, o qual poderá variar. Para a oração, porém, de simplicidade, diremos o mesmo se ela muda seguido de sujeito. Nenhuma dificuldade se a oração consiste em uma atenção amorosa para com Deus. Ainda assim direi que é preciso preparar quase todos os dias um sujeito para a oração, porque esta recordação amorosa geralmente falando, nunca falta, ela como que se mistura a título de sujeito secundário, a uma infinidade de idéias. Talvez não se perceba senão ligeiramente, porém elas lá estão. Há, porém, uma exceção e vem a ser quando uma longa experiência nos mostra que os objetos preparados não nos servem absolutamente e que o simples pensamento de Deus, nos fornece uma suficiente ocupação.

Segunda parte

Noções gerais sobre a união mística.

Diferentes gêneros de graças místicas.

No 1º capítulo fizemos a distinção entre as graças e aquelas do caminho ordinário. Agora trataremos de dividir as graças místicas em diferentes espécies, para depois tratarmos de todas estas espécies em grupos separados.

Para começarmos desde já a proceder com clareza, é bom notar que no céu recebemos duas sortes de dons que não terão a mesma importância; a saber, de um lado gozaremos da visão beatífica, que nos porá de posse de Deus; de outro lado, esta nos porá de posse da vista dos santos, dos anjos e das outras criaturas. E é a isto que os teólogos entendem pelos nomes de objeto primário e de objeto secundário da bem-aventurança. Ora bem, aqui sobre a terra podemos da mesma forma distinguir duas sortes de graças místicas segundo a natureza do objeto que nos é oferecido de um modo sobrenatural a nossa contemplação ou conhecimento.

As características dos do 1º grupo consistem em que é Deus mesmo e somente Deus que se manifesta. A estes estados chamamos estados de união mística ou também de contemplação ou infusa da divindade.

No 2º grupo, a manifestação versa-se sobre um objetivo criado, V. gr., sobre a humanidade de Jesus Cristo, sobre Maria Santíssima, sobre os anjos ou qualquer fato passado ou futuro, etc. Tem-se então a visão, ou melhor, a aparição de seres criados; as revelações e as palavras sobrenaturais, as quais se podem juntar os fenômenos corporais miraculosos tais como os que se observam nos estáticos. A estes dois grupos de graças de união, chamam-se também graças indeicas (sic), isto é, que fazem penetrar na Divindade. As outras quando têm por objeto alguma coisa que existe fora de Deus, chamam-se exdeicas.

Os quatro períodos ou graus de união mística são as seguintes: 1º período, o de união mística incompleta ou oração de quietude; porque exprime a impressão que se experimenta neste estado. 2º período, o de união plena ou semi-estática. 3º período, o de união estática ou êxtase. 4º período, o de união transformante ou deificante; que também se chama sponsalício espiritual da alma com Deus.

Estas graças no fundo não são senão uma e a mesma graça, que poderia chamar de união não transformante, a qual nos conduz a graça de união transformante, e constituem estados que poderíamos chamá-los relativamente a maior ou menor ação, desta graça, de estado fraco, estado intermediário e estado intenso de união transformante. Na quietude a alma é como um recipiente cheio pela metade da linha divina, e há vezes em que ele não contém senão algumas gotas, porém, na união plena a alma assemelha-se a um vaso cheio até as bordas; no êxtase o líquido divino transborda e jaz como que em ebulição. Quando ao sponsalício espiritual, diremos que difere muito dos outros estados precedentes. Como se verá pelas definições que passamos a dar dos três graus inferiores ao sponsalício espiritual:

- 1º a quietude existe quando a ação divina é, todavia ainda muito fraca para impedir as distorções; numa palavra, quando a imaginação ainda conserva a sua liberdade.
- 2º a união plena dá-se quando a força da ação divina é tão grande que a alma permanece plenamente ocupada com o objeto divino sem que seja perturbada por nenhum outro pensamento. Somente os sentidos continuarão a agir. De sorte que ainda neste estado, ela pode pôr-se em comunicação com o mundo exterior, falando, caminhando, etc.

- 3º o êxtase dá-se quando todas as comunicações com o mundo exterior estão interrompidas ou quase por completo interrompidas. Então não poderá o indivíduo fazer nem se quer o menor movimento voluntário. E este é a definição universalmente admitida.

As outras espécies indicadas por vários místicos, como sejam: a oração de silêncio, o sono sobrenatural, a embriaguez, o júbilo, os ferimentos ou dardos de amor, etc..., não são senão maneiras de ser destes quatro graus precedentes de união mística e não já como alguns poderiam supor graus sucessivos. Por isto quando se tratar destas maneiras de ser complicaria naturalmente a mística.

Primeiro caráter fundamental da união mística – Sente-se a presença de Deus. A natureza íntima da união mística se contém nestas preposições: 1º, tese de preposição:

- O que estabelece uma distinção entre a oração ordinária e os estados de união mística consiste em que Deus não só nos auxilia a pensar nele e a nos lembrar dele isto é, da sua presença; mas além disto, nos faz sentir de um modo místico a sua presença por meio de uma sensação espiritual de um gênero todo especial. Não obstante, nos graus inferiores, Deus não se manifesta com esta sua presença senão de um modo assaz confuso, ou melhor, assaz obscuro. Ora para compreender qual abismo profundo separa a oração comum da união mística, basta refletir na diferença profunda que vai entre o pensar em uma pessoa e o senti-la junto de si. Neste segundo caso diz-se que temos um conhecimento experimental da presença desta pessoa. O que enunciamos precedentemente equivale, pois, a seguinte preposição: na oração ordinária não temos senão um conhecimento absoluto da presença de Deus; porém na união mística, temos um conhecimento experimental.

É bom notar a diferença que passa entre o amor divino e as uniões místicas, afim de não confundirmos uma coisa com a outra. Podemos dizer na verdade que a união mística produz o amor divino, e que ela é, por isso mesmo, uma união com Deus por amor; porém, se parássemos aqui, a união mística seria incompleta. Faz-se preciso, além disto acrescentar que este amor é provocado por uma possessão conhecida, isto é, consciente e experimental de Deus. E é precisamente nisto que a união mística difere do amor propriamente dito, que se experimenta nos caminhos ordinários. Pois o amor divino se faz, por si mesmo, conhecer a Deus como presente na alma. Nutri seus sentimentos semelhantes a estes pelos amigos ausentes aos quais estais unidos de coração e pelas recordações deles; mas é certamente muito diferente o sentimento que experimentareis se pudésseis apertar-lhe a mão nesses momentos de tantas saudades e afeições. Agora

falando sobre as aptidões para a alta contemplação poderemos compreender, porque, os sábios não têm aptidão do que os ignorantes para este gênero de oração.

Passemos agora ao 2º caráter fundamental ou primário da união mística o qual consiste no toque interior; porém, antes de abordarmos o assunto, digamos alguma coisa sobre os sentidos espirituais.

Na 1ª proposição dissemos que se conhece experimentalmente a presença de Deus e por meio de uma sensação espiritual de um gênero especial, agora trata-se de saber se esta sensação espiritual pode ser comparada com alguma coisa já conhecida ou com alguma das sensações pelas quais podemos nos convencer da presença e natureza dos objetos materiais ou mais simplesmente, se possui sentidos espirituais e intelectuais semelhantes de alguma forma, ou análogas aos sentidos corporais, pelos quais ela possa conhecer de uma forma análoga e de várias maneiras a presença dos espíritos puros e particularmente a presença de Deus? Em 1º lugar é preciso notar que pelos sentidos espirituais, não se entendem os sentidos imaginativos; isto é, a faculdade que tem a nossa imaginação de imitar e de nos fazer lembrar as cores, os sons, etc... Porquanto por este meio não poderíamos entrar em relação com os puros espíritos. Passemos em seguida a examinar os diversos sentidos espirituais:

- 1º O sentido da vista. Por estas expressões queremos significar um gênero de conhecimento que nos leva instintivamente a compará-los com os adquiridos pela vista corporal. Assim como nos ensina a fé, a bem-aventurança eterna consistirá em que veremos a Deus. Ora, Deus é espírito puríssimo que só poderá ser visto pela alma com a sua vista espiritual. Pelo que se esta palavra não envolvesse alguma analogia com a vista corporal, não a poderíamos usar neste sentido nem tão pouco a Igreja.
- 2º. A audição espiritual. Conquanto os bem-aventurados não tenham necessidade de articular palavras para se comunicarem uns com os outros, todavia, da parte dos que a enviam, esta comunicação pode chamar-se palavra; porque os pensamentos assim concebidos, é o *logus*, o *verbum* que pelas palavras se traduzem e, por conseguinte, os que recebem esta comunicação também poderão dizer que ouvem, isto é, o *logus*, como nós ouvimos materialmente a palavra que traduz o nosso pensamento, o nosso *logus*, isto é, o nosso *verbum* é pela palavra o entendimento, apanha-o, como o Santos pelo *logus*, sem palavra. “Assim vemos que Deus muitas vezes falou de uma maneira intelectual aos seus profetas e aos seus Santos.” No céu, Ele fala aos anjos quando lhes ordena, nós entendemos também assim, porque o amor obriga a entrarmos em relação com seus

amigos debaixo de todas as formas possíveis. Quando os eleitos contarem as ruas glórias, Deus não há de chamar-se a um eterno silêncio.

- 3º. O tato espiritual - É neste tato espiritual que consiste a segunda verdade fundamental da união mística. É preciso admiti-lo, porque, do contrário não se poderia passar adiante e se poderá fazer uma idéia exata de alguns, digo, de nenhum dos estados de união.
- 4º. O paladar e o olfato. É preciso também admitir estes dois últimos sentidos espirituais uma vez que forçosamente admitirmos o do tato, pelos mesmos motivos que alegamos, falando destes últimos sentidos espirituais. Agora venhamos a nossa 2ª preposição: 1º nos estados inferiores ao êxtase, não se pode dizer que se vê a Deus, salvo alguns casos excepcionais; 2º o que pelo contrário constitui o fundo comum de todos os graus de união mística, é a sensação espiritual pelo qual Deus faz sentir pela sua presença. Uma sensação de ebulição, de fusão, e de imersão. Por isto podemos dizer que é um toque interior. Assim como um exemplo adaptado a 2ª parte desta preposição, diremos que nós sentimos a presença de nossos corpos, quando permanecemos imóveis e temos os olhos fechados.

Ora se sabemos que nossos corpos estão lá, não é certamente porque o vemos, ou porque no-lo disseram. Esta sensação é o resultado de uma sensação especial, de um tato interior, que nos faz sentir que nossa alma compenetra e vivifica este nosso corpo.

É uma sensação muito simples que em vão tentaríamos examinar. E é assim que na união mística nós sentimos Deus em nós e de uma maneira muito simples. Podemos dar uma outra comparação; porém mais material qual é a da esponja e da respiração: uma esponja embebida tocará a água e a água que a envolve, o compenetrará. Assim também o toque delicado pelo qual nós sentimos que o ar vivificante penetra dentro da “cavidade” dos nossos pulmões.

Há autores que falando do estado místico, dizem que neste estado se dá a união de substância a substância. E assim se exprimem por oposição ao conhecimento de um objeto ausente e empregam a mesma linguagem como se tratasse do contato de um objeto material e do toque que daí resulta. Outros empregam a expressão: toques substanciais. Esta última palavra, que parece inútil, tem por objeto mostrar que aqui não se trata de um simples toque moral, como quando se diz Deus toca o coração de um pecador ou que um pregador toca o seu auditório. Scaramelli e o padre Serafim vêm nos toques divinos um grau de oração, o que dá a significar que nos outros graus, não se

experimentam os toques espirituais, e que não é, portanto o fundo comum a todos as uniões místicas? Respondo dizendo que como eles mesmos declaram não pensaram assim, eles caracterizam um grau de toque, porém não comum, mas de uma espécie particular daqueles, isto é, que são violentos e surdos. O padre Serafim conta que Luiza Laisa Lateau recendia-se algumas vezes destes toques surdos e violentos, até vinte por dia e com tanta força que muitas vezes a fazia cair por terra, processem-se com aqueles fenômenos que máxime(sic) as mulheres experimentam quando amam uma pessoa do outro sexo ao aproximarem-se delas. De resto é inútil classificar-se em um grau particular estes toques ainda que extraordinários; porque eles não são outra coisa, senão uma maneira de ser de um mesmo grau, isto é, do estático, ou melhor, é uma maneira de ser dos toques espirituais que caracterizam este estado. Em resumo, a fisionomia da união mística pode ser descrita da maneira seguinte:

- Durante esta união, nos parecemos a um homem colocado perto de seus amigos, porém em um ambiente completamente escuro e em silêncio; ele, portanto, nem ouve nem sente que seus amigos ali estão, senão por meio do toque, porque, ele aperta-lhe as mãos e assim ele permanece a pensar nele e a amá-lo. Neste caso, nossa afeição, se tanto se desse conosco, não impediria certamente que a nossa imaginação se divagasse de tempo em tempo, a não ser que nossa afeição fosse tão intensa que impedisse tais divagações. Não é, pois, para admirar que sucedesse outro tanto na quietude.

Assim como o toque material pode algumas vezes tornar-se e um embaraço, o mesmo pode suceder também com o toque espiritual, como de fato sucede. Na quietude quando ele não é muito forte, não passa de uma embebição (sic) que se goza tranqüilamente. Mas há vezes em que os dois espíritos em presença um do outro, se abraçam, isto é, se produz entre eles e amorosos. Este crescimento tão grande da graça, não é tão freqüente entre os principiantes ao meu ver, e quando se chega enfim a experimentá-lo, é somente do princípio, por alguns segundos, cada vez que se dá. Se depois se tenta reproduzi-lo por si mesmo esta impressão especial, ver-se-á que não se pode conseguir.

A união no céu? Pelo que dissemos precedentemente, segue-se que Deus pode ser não somente visto e ouvido, mas respirado..... Pelo que podemos ver quanto na vida eterna nossa felicidade será completa. Não somente Deus se mostrará, mas, também, dar-se-á a nós: "Ah! Lá só ele" ficará satisfeito quando se fundirá e quase que se identificará com essa alma querida que a Ela Ele se deu. E está penetração. Será íntima e

mútua. O céu não é somente a vista de Deus, mas também a fusão com Deus de nossas almas, pelo amor e o gozo. Se esta fusão não se desse, a alma experimentaria uma sede insaciável. E como é possível ver a beleza divina e não se precipitar em direção a ela?! Ora para nos fazer entrever esses bens tão magníficos, Deus dá sobre a terra a seus amigos o poderem prelibar estas delícias eternas. Assim é que ele mostrou a Isaac e a Jó a terra da promessa antes de entrarem nela, essa terra que Ele prometera ao povo eleito.

Por último direi que a união mística é produzida principalmente pelo dom da sabedoria que segundo São Tomás, é um conhecido das coisas divinas. E realmente na união mística a alma saboreia e frui de Deus. E segundo Scharamelli, é este o ofício da sabedoria, isto é, de tornar Deus presente à alma e tanto mais presente quando este dom for mais abundante. Este dom coloca a alma junto de Deus e faz com que ela sinta e goze da sua presença suavíssima.

Capítulo VIII - Sobre os dez caracteres secundários da união mística

Sobre o 1º caráter. As duas proposições supracitadas nos fizeram conhecer os dois caracteres principais ou fundamentais da união mística. Além disto, esta união tem outros caracteres, aos quais demos os nomes de secundários e são os seguintes: 1º caráter, ele não depende da nossa vontade; 2º, o conhecimento de Deus, que o acompanha, é obscuro e confuso; 3º, este modo de comunicação é semi-incompreensível; 4º, esta união não se produz nem por imagens nem por raciocínios; 5º, varia sem cessar de intensidade; 6º, dá menos trabalho do que a meditação; 7º, é acompanhado de sentimentos de amor, de repouso, de prazer e, muitas vezes, de sofrimento, 8º, ela nos conduz por si mesma e muito eficazmente à prática de diferentes virtudes; 9º, age sobre os corpos e reciprocamente; 10º, engendra mais ou menos a produção de certos atos inferiores que levam o nome genérico de ligamento (*ligature*).

Quanto ao primeiro caráter secundário da união mística, direi e acrescentarei ainda: 1º, que não podemos produzir em nós mesmos a união mística quando Deus a não concede; 2º, que se Ele no-la concede, não podemos torná-la mais forte. Porque não nos submergimos em Deus, senão debaixo daquela medida precisa que Ele quer; 3º, que sucede o mesmo para com as outras espécies de união mística, como depois teremos ocasião de ver, este favor pode apresentar certas diferenças em suas

manifestações de ser, e ainda neste caso, não depende absolutamente de nossa vontade, o termos mais, antes, uma espécie do que outra; 4º, que nós a não podemos fazer cessar, por um ato de vontade interior. Pois não podemos agir sobre ela senão usando de meios indiretos, como sejam: Passando ou procurando distrairmos e assim poderemos diminuí-las e até fazê-la cessar por completo.

Sobre o 2º e 3º caracteres secundários: o 2º caráter da união mística consiste em que o conhecimento de Deus que a acompanha é obscuro e confuso. Daí as expressões de entrar na obscuridade divina (*incalégine*) ou de entrar nas trevas divinas, contemplar a Deus nas trevas, etc. Estes nomes podem ser aplicados a todos os estados místicos; todavia, há autores que as reserva para certas visões estáticas. Assim certas visões muito elevadas chamam-se: Grandes Trevas.

O 3º caráter da união mística consiste em que esse modo de comunicação é semi-incompreensível. E é principalmente por esta razão que estes estados são denominados místicos; isto é, estados que encerram alguma coisa de misterioso e ainda mesmo para os já iniciados nestes estados de união mística, há realmente certos porquês (*comment*), que não se conseguirá jamais descobrir completamente: Porquanto todas estas comunicações divinas têm este caráter, isto é, de manifestar o atributo divino da incompreensibilidade; as quais encerram sempre alguma coisa que nos quiséramos compreender mais amplamente. Com relação aos outros atributos divinos, eles permanecem quase todos invisíveis na quietude; porém o da incompreensibilidade, pelo contrário, (*frappé dès le debut*) e certas vezes mais se manifesta à proporção que se aumenta ou se eleva a conhecimentos mais altos. Dissemos que estes estados são em parte incompreensíveis; porém é bom advertir que não queremos com isto significar que são totalmente incompreensíveis e, se às vezes, parece que tanto queremos insinuar, é porque usamos de um modo de falar para darmos precisamente a compreender o que acabamos de dizer; forçamos então o pensamento para o tornar mais sensível; porque rigorosamente falando, não compreenderíamos nada neste estado nem conheceríamos que estávamos em comunicação com Deus, nem mesmo que estávamos em oração. Pelo que até poderíamos supor que sofreríamos de uma doença assaz bizarra. Por isto, disse Santa Teresa que se goza de um bem sem saber o que é que se goza. “É preciso adaptar esta fase abreviada: Gozamos deste bem sem sabermos completamente o que ele é. Todavia conhecemos em parte, porquanto, percebemos que é uma ação divina”.

4º caráter secundário de união mística. Consistem estes dois caracteres em que a contemplação de Deus, não é produzida nem por imagens sensíveis, nem por

raciocínios. Deniz, o místico, faz alusão a este caráter de união mística, quando se dirigindo a seu discípulo, diz: “Eis aí, quais são os meus desejos, ó meu caro Timóteo, tende com força em direção às contemplanções místicas e quando lá chegares, abandona os conhecimentos dos sentidos e as operações do entendimento; tudo, numa palavra o que é sensível ou inteligível; tudo o que existe ou não existe; para te elevares sem conhecimentos naturais e na medida que te for concedido a união de Aquele que está acima de todos os seres e de todas as ciências. Por esta operação absoluta e pura de todas as coisas, por esta liberdade universal, serás elevado ao reino sobrenatural da obscuridade divina!”

E realmente como dissemos, ela tem uma outra origem; isto é, uma sensação espiritual comparável à sensação do tato. Os antigos autores exprimem rapidamente estas idéias, dizendo que a contemplação mística se faz sem intermediários (*sine medio*), ou por outra que ela é imediata. O mesmo dizemos com relação à comunicação pelo toque espiritual. Todavia, pode haver, neste gênero de contemplação mística, cá e lá, algumas imagens e raciocínios de envolvimento com ela e que parecem auxiliá-la se completar. Mas estes atos se apresentam como simples acompanhamento e não já como causas. Algumas vezes estes atos podem ser atribuídos à graça; mas geralmente, eles provêm da nossa ação própria, que juntamos a ação divina. E é a isto, que nós chamamos atos adicionais, como mais adiante teremos a ocasião de falar. Assim, por exemplo, depois de havermos fruído da comunicação divina, pode dar-se que, descrevendo-a, procuramos palavras ou comparações, e então tais atos, não pertencem ao fundo desse estado místico; porque eles não passam senão de alguma coisa que nós superpusemos.

Nossas três faculdades; a memória, o entendimento e a vontade, digo, a imaginação, em relação às comunicações divinas, tem cada uma, uma tríplice maneira de agir, que podemos resumir nas palavras seguintes: 1º, a paz; 2º, o concurso e 3º, a luta.

A paz. As faculdades podem permanecer que das sem procurarem acrescentar coisa alguma ao que se recebeu. O entendimento contenta-se de beber a longos tragos o conhecimento experimental que lhe é dado. Ele se mostra assaz prudente para se conservar neste estado. A memória e a imaginação que não tem nada para receberem, parecem dominarem. De ordinário, é o melhor que estas faculdades poderiam fazer.

O concurso. Se a memória e a imaginação se despertam, há vezes em que elas procuram auxiliar a oração. Assim a imaginação pode procurar palavras e

comparações das quais acima falamos. Quando este concurso tem lugar, podemos dizer que todas as faculdades estão unidas a Deus; porém, a memória e a imaginação se estão unidas de uma maneira muito inferior, como sucede na meditação vulgar. Elas fabricam atos adicionais; elas (*vorént*) vão um festim servido, porém como não lhe é destinado, mostram pouco ou nenhum empenho em apresentar as suas próprias provisões.

A luta. Estes estados de paz ou de concurso não duram nunca muito tempo na oração de quietude. E é aqui que começam as distrações propriamente ditas. Então, as três faculdades parecem-se a tantos párvulos que deixaram (*espiègles*) de ficar quietas, perto de sua mãe. É preciso agora irem brincar e agitarem-se. De tempo em tempo, a atenção é transportada para a ação divina, que continua; depois novamente se a perde de vista. Sucede tal qual como a um homem colocado diante de um quadro, com os olhos abertos. Se ele se distrai, seus olhos continuam a receber a ação dos objetos que o circundam e no momento em que sua atenção reaparece, ele sente, não se sabe como, que a sensação não foi interrompida. Algumas pessoas nos primeiros tempos da quietude da quietude, notaram que tinham muito menor número de distrações do que mais tarde; porque, conquanto a ação divina, salvo exceções, é sem dúvida alguma a mesma tanto no começo como depois; porém ela não se combina sempre com a nossa natureza, do lado desta há muitos motivos para que uma baixa se produza na atenção, depois de algum tempo. No princípio nossa curiosidade é excitada com ela à esperança de um progresso. Pouco a pouco estes sentimentos vão se apagando.

Então não é preciso mais a imaginação para que retome o seu poder. Assim vemos que quando nos pomos a estudar alguma coisa que nos interessa vivamente, então as distrações são raras; mas reaparecem desde que comecemos a nos Contra as distrações como estas, não há remédio diz Santa Tereza. As distrações são mais freqüentes quando a quietude é fraca, então temos ocasião de exercitar grandemente a paciência. “Para as distrações eu não conheço nenhum remédio. Se Deus não o tivesse ensinado, eu me serviria dele voluntariamente, tanto tenho sofrido sobre este ponto”. Santa Tereza vid. ch. XVII.

Sobre os atos adicionais

Chamamos assim os atos que juntamos e que nascem da nossa própria atividade e que por nós mesmos ajuntamos para completar ou ajudar a oração mística.

Chamamos adicionais por oposição aos atos constitutivos ou fundamentais, que são aqueles que pertencem necessariamente a este estado. Eles nos advêm diretamente da ação divina. Assim recitar a Ave Maria, durante a quietude, é um ato adicional, porque este estado de quietude não tem necessidade deste ato para se excitar. Quando dissemos que o intelecto não age, queremos significar que ele não discorre. Quando dissemos que o espírito não faz nada, queremos dizer, que não faz nada do que costuma fazer fora deste estado, isto é, pensar em coisas materiais, terrestres, ou qualquer outra coisa em que habitualmente costuma a ocupar-se e da ordem natural.

Pois, como dizem os escolásticos: Não há amor, nem fruição sem conhecimento. Assim é que se na oração não se pensasse em Deus, como poderíamos conhecer se é ele quem nos ama e que estamos em oração? ... Por último convém saber se existe algum estado de quietude em que a vontade só esteja unida? Não existe e só se emprega esta expressão e no sentido lato. Pois então quereríamos significar que não se ocupa de todo do objeto divino; ora, neste caso, não se amaria nem se poderia chegar a amar e nem mesmo a vontade estaria mais unida do que as outras faculdades.

Todavia, podem objetar dizendo que o fruir pertence à vontade e que, portanto, só ela esta em jogo quando se goza. Ao que respondemos que quando se diz que a pessoa está toda inteira a fruir, se subentende que existe um conhecimento, mas que a ele não se presta muita atenção, pelo que esse gozo provém de um conhecimento.

Assim conheceis o mel como presente e agindo sobre vós; mas porque estais, sobretudo, preocupado com o efeito, não prestais atenção ao conhecimento que tínheis desta qualidade agradável, que podia afetar nosso paladar. Depois o gosto, como todos os outros sentidos, é um instrumento de conhecimento. Quer dizer que somente o prazer ou a dor pode acompanhar estas operações dos sentidos. Há, portanto, sempre dois atos em lugar de um, isto é, conhecer e fruir. Mas nós poderemos prestar mais atenção ao segundo.

Sobre a oração de silêncio

Vimos que todas as uniões místicas merecem o nome de oração de repouso. Pelo que podemos também lhes dar o nome de oração de silêncio; porque o ruído dos raciocínios, das imagens verbais e das orações vocais, aí desaparece em grande parte. Este nome mesmo já se começa a se aplicar à oração de simplicidade.

Todavia, há casos em que a união mística o merece de um modo mais particular e é nos momentos em que não há mais nem distrações nem atos de adições. Todos os ruídos se apagam e a alma unicamente submerge em um ato de possessão que lhe parece invariável por algum tempo. É este o estado que também se chama sono espiritual das princípios, para significar que a memória e a imaginação dormem; isto é, não agem mais. O entendimento fica acordado com relação a Deus, mais dorme com relação aos objetos estranhos.

Segue-se daqui que não deve fazer da oração de silêncio ou do sono das potências outros graus particulares de oração mística, nem que se lhes deva procurar um lugar determinado nos vários períodos da vida mística; porquanto, tais expressões não são senão nomes com os quais exprimimos outras maneiras de ser que pode a oração mística apresentar em certos momentos.

Por centro da alma que fala Scharamelli, v. gr., ou no fundo da alma; não é preciso definir, mas limitar a significação de tais expressões. A alma é considerada como uma sorte de esfera. As faculdades sensíveis formam a sua face exterior que a põe em contato com o mundo externo, mas, além disto, esta esfera tem no interior um centro, afastado material (introversão), e a parte exterior, (a face), extravessão, usavam destas palavras os antigos (séc. XVIII) para exprimirem este centro da alma, ou a sua saída deste seu centro. Muitos autores dizem que toda a união mística se faz no centro da alma, isto é, fora de toda e qualquer imagem ou raciocínio. Outros distinguem na união místicas vários graus de profundidade e o último grau, isto é, o verdadeiro centro, por ser definido por eles assim que é o espírito fruindo do sponsalício espiritual. A palavra cimo ou ponta do espírito tem o mesmo sentido figurado. A razão chama-se a parte superior à alma, por oposição às faculdades e aos apetites sensíveis. O cimo está acima e é o espírito na contemplação mística.

Os 5º e 6º caracteres secundários de união mística. Neste estado dão-se flutuações contínuas. A união mística não permanece por cinco minutos com a mesma intensidade. É o oceano divino no qual a gente avança alguns passos, porém as vagas que avançam e retrocedem à semelhança de um fluxo e refluxo, impedem o contínuo avançar.

Daí os sofrimentos; porém no período ascendente, espera-se chegar mais alto do que antes; porém, em vão, porque se torna a descer levado pelo refluxo dessa maré divina. Assim é que o período intermediário entre este fluxo e refluxo permanece quase o mesmo durante um tempo notável. Durante a 1º fase, Deus é como uma mãe

que mostra a gulodice ao seu pequeno com o fito de o fazer aproximar-se, mas depois retira o doce. E é assim que como o parálítico do Evangelho, nós esperamos o anjo que nos conduza à piscina de uma permanente união mística.

O 6º caráter. Exige menores esforços do que a meditação e tanto menor esforço quando é mais elevado o estado. Porém, no estado estático, a alma não faz mais nenhum esforço, por menor que o seja.

Na quietude existe ainda esforço o qual consiste, não já em procurar o fundo da oração, Deus lhe a pode conceder; mas ainda assim, 1º ela se esforça docemente para livrar-se das distrações, porém, não consegue. 2º ela produz cá e lá atos adicionais pelas quais ela sente atração e facilidade; 3º se a quietude é fraca, para reprimir o aborrecimento que ocasiona esta meia ou semi-aridez e para resistir à tentação de abandonar a oração.

A fadiga. Pelo mesmo fato que há trabalho e que se emprega esforços para superar as dificuldades supra citadas, há também, necessariamente, fadiga. Passa despercebida a fadiga se a quietude é intensa e então se permanece facilmente três ou quatro horas seguidas em oração.

Mas se a quietude é fraca, experimenta-se a fadiga ao cabo de uma meia hora ou uma hora. O estado de saúde representa também aqui o seu papel. Santa Tereza supõe este caso quando diz: “na quietude o trabalho é muito ligeiro. Ele pode durar muito tempo sem causar fadiga.” Entende naturalmente falar do trabalho quando a quietude é intensa, como acima dissemos. Há outras causas da fadiga. Na leitura espiritual e em todos trabalhos intelectuais, os que não tem uma saúde vigorosa podem encontrar dificuldade quando se dão a certos exercícios depois das refeições. O trabalho da digestão então concentra toda a atividade vital no estômago, com prejuízo do cérebro e se fadiga muito a cabeça querendo lutar-se. A experiência mostra que se dá o mesmo com a quietude geralmente falando. Esta espécie de união não é bastante forte para opor-se a esta lei fisiológica. Da mesma forma se verifica que nas vias naturais, para muitas pessoas a prolongada imobilidade é uma das causas da anemia e, por conseguinte, da fadiga. Os músculos que, então não agem, atrofiam-se, a respiração e a circulação de sangue tornam-se mais lentas. Os médicos combatem esses efeitos com coisas contrárias, isto é, pelos exercícios, pelo trabalho manual ou pelos passeios. Pois bem os estados sobrenaturais não nos colocam em um estado milagroso; por conseguinte eles podem trazer a fadiga, pelo mesmo fato da imobilidade do corpo, se todos os dias nos

damos a orações muito prolongadas. É necessário corrigir este efeito pelos exercícios do corpo, os quais dá a circulação toda a sua energia necessária.

7º caráter secundário de união mística. Consiste em que a união mística é acompanhada de sentimentos de amor, de repouso e de prazer e não raras vezes de sofrimento. A união produz sempre o sentimento de amor, quer dizer, porém que acontece que muitas vezes este sentimento é muito calmo e, até mesmo, não raras vezes, imperceptível. Então não parece mais forte do que o que experimentamos na oração ordinária. Porém, faz-se preciso para julgar deles averiguar quais são os efeitos que em seguida se observa sobre a conduta de vida. Às vezes, na meditação nos iluminamos sobre a grandeza do amor que experimentamos, porque ele se traduz por uma multidão de palavras e se julga da sua força pelo ruído que ele faz e não pelos seus resultados ulteriores. Um pequeno fogo de pinho que nos parece mais enérgico do que uma pequena chama, pálida e imóvel de uma lâmpada a álcool.

Há riachos que correm tão mansamente que parecem que suas águas dormem ou estão em repouso, eles podem não obstante isto levar mais água ao mar do que certos regatos às cascatas tumultuosas. E há por isso mesmo muitas almas que erradamente se afligem porque não sentem vivamente este amor. Deus não exige de nós que experimentamos este amor nem que o mostremos em nossas orações e Ele tem muitas vezes razões para nos privar desta sensação do seu amor. Há vezes também em que os ardores da alma tornam-se aparentes, sob a influência da união mística. E pode até em certos estados elevados torna-se violento. Seja o que for desta força de amor o certo é que se sente muito bem que ela se produz por si mesma sem que ponhamos nada de nossa parte para excitá-lo; pois, se experimenta que até mesmo quando se quer reforçá-lo e, se o deseja secretamente, torna-se impossível e até mesmo trabalho perdido. Está-se, então, em um estado passivo, outra coisa não tem que fazer se não aceitar aquilo que nós recebemos.

O sentimento de prazer. Quando a este sentimento, muito embora, como nos mostra a experiência, muitas almas não gozem desta felicidade tão grande; há, todavia um prazer inerente à quietude, o qual às vezes apenas se percebe, isto é, quando a força é mediana. Talvez se experimente com maior vantagem (ainda que em outro gênero, seja este prazer), lendo, por exemplo, um livro interessante. Não obstante, a quietude em certos momentos, ocasiona de improviso dilatações espirituais muito vivas, que “quase que aos fatos e intermitentemente” Talvez com os principiantes não suceda assim. Há também graças desta espécie tal como o complexo espiritual, logo no começo

não se experimenta senão de um modo passageiro, “por alguns segundos, na forma de *bouffées*”. Estas duas graças às vezes são separadas, outras vezes reunidas. Foi certamente esta graça que Santa Tereza quis descrever quando disse: “há vezes em que a gente respira Deus como um perfume delicado”. Então convém notar que não existe simplesmente uma doçura, como suavidade produzida pelo pensamento de Deus; mas que é uma maneira “toda especial” de fruir de Deus em si mesmo. Sem o que o homem mortificado poderia, sabiamente, privar-se como também de tantas outras satisfações deste gênero.

A embriaguez espiritual. Quando esta dilatação do pensamento de Deus sentido e gozado em si mesmo dura longo tempo, produz-se uma sorte de embriaguez espiritual, que às vezes se assemelha a um semi-sono e às vezes é cheia de ardor. O prazer que traz consigo a quietude, é influenciado pela disposição em que se acha então a alma. Faz-se sentir melhor se se atravessa um período de paz e de jóia.

Dá-se o mesmo quando estas graças tem algo de novo. Pelo contrário, se se passa por um estado de tristeza, de provas, o prazer que consigo traz a quietude pode ser em parte perturbada.

Fora dos momentos consagrados à oração, Deus envia muitos sofrimentos aos que ele favorece com as graças deste estado místico. E a vida dos santos no-la demonstra. É preciso esperá-las, porque, as graças extraordinárias tem por objeto, em parte, auxiliar-nos a suportar as provas extraordinárias.

Os profanos pensam que neste estados só se goza de consolação e não raras vezes, apoiadas neste falso suposto, os desejam não pelas cruces; mas pelos gozos que eles supõem que sempre se goza nestes estados. Por último, os estados místicos trazem consigo sofrimentos que lhes são próprios e que se podem sentir mesmo durante a oração. Passemos a enumerá-los: 1º, há os sofrimentos dos principiantes devido à falta de instrução sobre o assunto, 2º, a necessidade que se experimenta de possuir a Deus é uma causa de grandes sofrimentos.

E quanto mais a comunicação de Deus é mais forte e elevada, tanto mais esta sede de o possuir se acentua. Daí aquele, morro porque não morro, etc. de Santa Tereza. Na mesma quietude, este sofrimento torna-se às vezes muito grande. Quando estes sentimentos de prazer e de sofrimento têm quase a mesma intensidade ou são da mesma força e todos dois são muito vivos, o estado que daí resulta leva o nome de chaga espiritual de amor. Para mostrar que esta simultaneidade é possível e em estado enérgico, eis aqui uma comparação que nos indicará ao mesmo tempo a fisionomia deste

estado. Experimentamos no amor humano alguma coisa de análogo a esta chaga de amor que sentimos às vezes sétimo caráter secundário de união mística. Quando esse amor conquanto humano é assaz violento, experimentamos uma grande doçura, não nos quiséramos destacar da lembrança da pessoa amada, porque saboreamo-la, mas ao mesmo tempo experimentamos em nosso coração uma dolorosa por causa da sua ausência, onde se origina a dificuldade que temos de nos entreter com ela livremente e daí o sofrimento. Há, portanto, conjuntamente os sentimentos de embriaguez e de lágrimas. Assim também podemos gozar deliciosamente de Deus e sentir ao mesmo tempo uma tortura íntima que outra coisa não é senão a sede de Deus, alumiada por ele mesmo. Os principiantes a não experimentam talvez muito este sofrimento da privação de Deus. Eles estão todos entregues às alegrias de terem dado um passo adiante e são sustentados pela esperança, não raras vezes mal fundadas que brevemente irão mais adiante. Porém, com o volver dos tempos, esta doce ilusão há de desaparecer e a fria realidade há de se ostentar e, se ainda se conserva, é por pura virtude. Então se experimenta quanto é duro ficar-se sempre no mesmo ponto e de ser condenado, durante vinte, trinta anos a não ouvir jamais plenamente este concerto divino. Daí nasce que naturalmente muitas almas fracas podem provar um desacorçoamento.

Quando a quietude é fraca aparece às vezes uma outra sorte de sofrimento dito: Deus não nos manifesta suficientemente, para que nos possamos entreter com a sua lembrança, então nos servimos de certos exercícios para nos excitar. Mas como mais adiante diremos no ligamento, nos encontramos nisto grandes dificuldades. Fica-se, pois, reduzido a pouco e pouco ocupado atividade, é que Deus nos quer precisamente habituar a isto. E isto continua uma como semi-aridez. Se este estado se prolonga por várias semanas o aborrecimento que daí resulta torna-se assaz penoso. O espírito atormentado, então pela necessidade de ação sente grandes tentações de abandonar, de desertar da oração e ficam quase que convencidos que fariam coisa mais proveitosa dar-se aos trabalhos exteriores.

Por último direi que se sofre também quando esta graça tem as suas alternativas. Assim há tempos ou períodos de abundância e os há também de deficiência em que o estado místico é mais fraco. E não raras vezes ele pode desaparecer completamente ainda mesmo entre os estáticos. Foi assim que São João de Cupertino, que tinha êxtases desde a sua infância, foi privado durante dois anos, aos 40 anos, de todas as graças extraordinárias. Nesse tempo ele era ao mesmo tempo assaltado por violentas tentações. O desgosto diz o seu historiador, que teve produzir-lhe uma oftalmia

que o tornou incapaz de elevar os olhos. No meio destes sofrimentos não podemos contar com as consolações de fora. Os que nos circundam pelo fato de nunca terem provado coisas semelhantes, nos dirão tudo isso não passa senão de um sonho, de melancolia, vossos nervos estão fadigados; pensai em outras coisas, tudo passará. É então que o desejo de encontrar uma alma, que tenha chegado ao mesmo grau, para nos abrimos, se manifesta. Então nos alegramos com esta esperança e nos animamos em nós mesmos.

De fato deste encontro, traríamos algumas consolações; porém elas estão sempre muitas aquém de nossas esperanças. Estas comunicações acabam por se esgotarem e vosso amigo não poderá então fazer outra coisa senão mostrar que ele compreende os vossos desejos dolorosos e que vos compadece; mas que ele se considera impotente para satisfazê-los. Ele não pode rasgar o cruel véu que oculta a divindade aos vossos olhos lagrimosos. Todavia se ele for um santo, sobejar-vos-á uma esperança e vem a ser que apressará o vosso livramento por meio de suas orações.

8º caráter secundário da união mística. Consiste em que a união mística é acompanhada de um impulso às diferentes virtudes e não raras vezes de uma maneira muito visível. Deus, pois, não entra somente na alma e sua ação santificadora não é somente mais forte e sensível, quanto mais a oração é mais elevada, mas além disto, como dissemos nos impulsiona à prática de diferentes virtudes. No começo o amor divino constitui o efeito como que natural destas orações e então só ele nos bastará para nos excitarmos às práticas das virtudes. Além desta contemplação nos destaca das coisas terrestres e nos levará desta forma até o ponto dos obstáculos que se opõem à perfeição. Enfim Deus nos conduz indiretamente ao espírito de sacrifício; e ao mesmo tempo nos dá ocasião de o exercer, enviando-nos todas as sortes de provações, como sejam: tentações, doenças, insucessos, injustiças ou desprezos. Nos impõe as renúncias as mais dolorosas. E o que é notável é que às vezes certas virtudes nos são concedidas de uma maneira surda.

Assim é que certos defeitos que havia sempre resistido, como assiná-la Santa Tereza, aos seus exames de consciência, de improviso em passando a um grau de oração mais elevado, foram corrigidos sem que ela recorresse alguma indústria própria. E é Deus que assim agindo mostra às nossas almas o seu poder. Por isso mesmo se disse que os êxtases produziam em Santa Tereza: “O tempo e o esforço, estas duas condições indispensáveis de todas as operações humanas, aqui não figuram”. E, no entanto há transformações completa e durável, isto é, a transformação não se opera atualmente.

Impulsos à humildade. Se às vezes os profanos tremem muito de ver as

almas de oração caírem no orgulho, é porque elas perdem de vista esse caráter que tem os estados sobrenaturais, de acarretarem com eles virtudes e principalmente a da humildade. Mas isto se dá quando as consolações não vêm de Deus, porque como diz Santa Tereza, “quando as consolações vêm de Deus, não há nada a se temer; porque elas trazem consigo a humildade”. Pelo que nos é suficiente um temor moderado, aquele, isto é, que nos faz ser vigilantes sobre nós mesmos; e não aqueles que nos fazem fugir de Deus como de uma companhia perigosa. Todavia não quero dizer que estes socorros maiores possam impedir necessariamente que a alma quando, isto é, querendo, possa ser fiel à graça. Faz-se preciso além disto, velar sempre. Por isso falando Santa Tereza, do êxtase diz: “vê-se que por amor de Deus, quanto é preciso que uma alma preste toda a atenção quando for favorecida por dons tão insignes; pois, ainda não se está livre de cair”.

Pelo que não devemos tão pouco exagerar a influência dos estados místicos com relação aos outros graus inferiores. Assim não devem supor de certos delatores, que a quietude, pode transformar de tal forma a alma, que nela não se vejam mais defeitos, e que elas devem apresentar um todo de santidade que se manifesta em todas as suas palavras e ações. Porque conquanto na realidade; esta oração tenda a aumentar as virtudes, porém, não é com a energia dos graus mais elevados. Esta oração não pressupõe que a pessoa já seja uma santa, conquanto ela ajuda-a a sê-lo. Muitas vezes ela tem por objeto fazer sofrer alegremente uma enfermidade ou graves contradições. E este caso já teria sua utilidade que não se deveria desprezar. O diretor, pois, não deverá dizer: - Como pretendes ser elevado à quietude. Isto não é senão uma ilusão diante de vossos defeitos!- Não devemos olhar o assunto por este lado; porque o que se faz preciso principalmente, é saber-se se no interior deste edifício de fachada ou aspecto muito medíocre, existe ou não progresso: Se existe um aumento de virtudes sólidas, tais como a da obediência, e bondade para os outros, a resignação alegre nas contrariedades, nas doenças ou nas humilhações; podemos inferir que essa pessoa tem sido bafejada por esta grande oração ainda que rara, que se apresente-nos uma prova, ora Scharamelli não nos deu senão uma hipótese.

Por último concluo com Santa Tereza, dizendo: compenetremos-nos bem desta verdade, que tudo aquilo que nos liga de um modo a nos tirar o uso da razão, deve nos ser suspeito.

Quem é finalmente aquele que obedece realmente no *rappel*? É Deus, conquanto aparentemente tudo pareça dizer o contrário. Porque afirmo de que o ato possa atribuir-se ao estático, seria preciso 1º, que ele ouvisse a ordem; ora êxtase o paciente

não ouve; 2º, porque suposto que neste estado ele pudesse ouvir, seria preciso que ele pudesse executar a ordem; ora, não se pode sair do êxtase quando se quer; pois, o estático com relação ao superior está como uma pessoa que dorme. Não se sugere daqui que o superior não possa dar ordem ao estático; mas somente que ele não fazer o “*rappel*” por leviandade ou curiosidade ou idade.

Sobre o sponsalício espiritual o qual constitui o último da união mística. O terreno supremo de todas as uniões místicas é que se chama sponsalício espiritual da alma com a de Deus ou união de transformação ou transformante, união consumada ou deificante. Devo advertir ao leitor que nunca conheci pessoa alguma favorecida com esta graça, ou que menor me pudesse apresentar provas bem convincentes. Encerra esta união dois elementos: 1º, a alma tem quase continuamente e ainda no meio das ocupações exteriores, uma vista intelectual da Santa Trindade. As três pessoas lhe fazem amorosamente companhia. Digo que quase continuamente, porque pode dar-se cá e lá algum eclipse. O que distingue esta “morada”, diz Santa Tereza, é que ele não tem quase securas espirituais. Se o mestre priva o entendimento desta vista, isto só se dá por curtos intervalos. Nosso Senhor deixa algumas vezes estas almas em seu estado natural, e então lhe parece que todos os animais venenosos que existem nas vizinhanças e nas moradas deste castelo se juntam para se vingarem destas almas do tempo em que não lhes puderam atacar. Mas isto não pode durar mais de um dia. Também esta visão varia de clausa (sic), diz Santa Tereza. Conquanto esta vista da Santíssima Trindade, não conserve um tão alto grau de claridade; todavia a alma todas as vezes que ela pensa nisto, encontra-se com esta divina companhia. 2º no sponsalício espiritual, a alma recebe, portanto, uma segunda graça igualmente permanente, ela tem consciência que nestes atos sobrenaturais, da inteligência, de amor de amor de vontade,

(**folha 159**) ela partilha da vida divina e dos atos análogos que existem em Deus. E nisto consiste essencialmente o sponsalício espiritual. Para explicar o sentido, desta fase, lembramo-nos que no céu, nos fruímos da vista de Deus, mas que o quanto mais participamos da sua natureza, tanto mais o sentiremos. Na verdade todas as qualidades que encontramos nas criaturas merecem ser chamada uma participação da natureza divina. Mas aqui se trata de um grau supremo, tão elevado que na medida do possível o homem tornando-se semelhante a Deus; fica duplicado, *die* estes. Podemos fazer uma idéia desta transformação, por exemplo, considerando o que se da com o ferro mergulhado no fogo o qual se torna semelhante ao fogo. Até um certo ponto ele torna fogo, sem, portanto perder a sua própria natureza. Já não poderíamos empregar tais

expressões para a água fervendo. Porque conquanto tenha uma certa participação com a natureza do fogo, não se tornou fogo, visto ser muito fraca. As qualidades naturais das criaturas não têm senão esta semelhança tão afastada com os atributos divinos. Quando os teólogos procuraram ainda mais precosar esta palavra participação eles, são obrigados de renunciarem a tentativa e declararem que esta graça é de tal forma acima da concepção humana que se a deve olhar como um mistério. E que não poderemos fazer uma idéia adequada, senão quando nos fosse concedida. E acrescentar que há termos de comparação. Porque não há digo, termos de comparação. Pois, do contrario não seria um mistério, mas apenas uma gestão muito difícil. Todavia diremos que o batismo e a graça santificante nos dá já esta participação da natureza divina, porém inconsciente. No esponsalício, porém espiritual sucede o contrario, isto é, a pessoa tem consciência da comunicação da vida divina. Deus não é somente como nos degraus precedentes, o objeto de nossas operações sobrenaturais de inteligência, de vontade; agora Ele se mostra como o auxilio do qual nos servimos para produzi-los. Nossos atos parecem como sendo até certo modo, atos divinos; nossas faculdades são como ramificações em que nos sentimos circular a seiva divina. Os desposários são as promessas formais do esponsalício espiritual.

E segundo Santa Tereza eles têm lugar nos raptos. A união plena não se eleva a tão alto. A Santa chama-lhe uns simples entevistos, relativos às futuras núpcias espirituais. Sobre o papel das pessoas divinas neste esponsalício espiritual, e que não obstante as suas imperfeições, (folha 160) ela se preservar, elevar-se há aos outros graus; isto é, que o resto virá depois. Quando Deus as conduz assim à grandes sacrifícios, é preciso que elas estejam atentas para não caírem em excessos de zelos. Sucedendo assim que uma vez que se apliquem a suportar com paciência as cruces de todos os dias, vivam a sonhar com cruces imaginarias, em vez de pedirem a Deus o amor aos sofrimentos. E há quem chegue a pedir os mesmos sofrimentos e a oferecer-se como *vita*. E neste caso direi que, salvo certos casos muito excepcionais e longamente estudados por um sábio diretor, isto é, uma perigosíssima ilusão e uma grande imprudência Deus não aprova suplicar inspiradas por uma imaginação exaltada. Todavia, muitas vezes Ele pode exauri-la (sic) para assim lhes dar uma lição de humildade. Os sofrimentos então não se farão esperar e então com vergonha reconheceremos o nosso pouco heroísmo. As orações sobrenaturais têm por efeito exercitar-nos na prática das virtudes e reciprocamente, a pratica das virtudes sólidas é a melhor disposição que possa haver para mover Deus a conceder-nos as graças místicas. O que Deus quer antes de

tudo, e a santidade ou a nossa santificação. Para Ele o resto é senão um meio. Ele quer que nos compenetremos bem desta verdade e que comecemos a tirar seriamente as conseqüências práticas. E a santidade consiste em fazer tudo com perfeição e como manda Deus, o que nunca se pode há conseguir sem a modificação. Por isso, antes de tudo, procuremos progredir na abnegação, na humildade, no amor do silêncio, do recolhimento e da prolongada oração, a qual é o caminho para a alta contemplação. Disse prolongada oração, já se entende quando a obediência ou as nossas ocupações no-lo permitissem. Todavia, se aprendemos a estar longo tempo com Deus pelo amor, poderemos prolongar indefinidamente nossas orações, ainda mesmo no meio de nossas ocupações.

Além disto evitemos nos ocupar de coisas que não nos pertence, e procuramos pensar mais na nossa satisfação do que dos outros; todavia, não trancuremos (sic) a do nosso próximo de acordo com as nossas posses, a nossa vocação, o nosso estado e instituição, etc...

9º caráter secundário de união mística. Consiste em que a união age sobre o corpo e reciprocamente, e daí vem à definição que se da (folha161) do êxtase e que tem origem à classificação de seus graus. Esta ação de união sobre o corpo, é excedida das quatro maneiras seguintes:

1º, os membros do corpo permanecem imóveis e por isso mesmo, não se pode falar nem caminhar, a não ser por um milagre, que Deus muitas vezes tem operado com seus santos.

2º, os sentidos não agem ou não acusam senão conhecimentos confusos. Santa Tereza diz que neste estado, não se vê nada, não se ouve nada, não se sente nada, quando o êxtase atinge ao seu mais alto grau. “quando diminui” não se sente nada, quando o êxtase, digo, quando diminui, e como um som confuso, que vem de longe” e há certos momentos. “Eu conservava os sentimentos de tal sorte que não podia ver que estava da terra”.

3º a respiração está um pouco modificada e às vezes parece completamente abolida. Sucede o mesmo com os movimentos do coração e, por conseguinte da circulação do sangue.

4º, o calor vital parece desaparecer. O frio começa a manifestar-se nas extremidades dos membros. Em resumo tudo se passa como se a alma perdesse em força vital e em atividade motriz, tudo o que ela ganha do da união divina. Mas adiante diremos algumas palavras sobre certos fenômenos acessórios.

Na quietude quando ela se torna muito forte, porque o estado místico influi sobre nosso organismo como o êxtase, percebe-se que se permanece num estado. A experiência confirma esta ascensão a priori.

Somente o grau de influencia, não é o mesmo para todos que entram em oração de quietude. Penso ser mais pronunciado para as pessoas de temperamento fraco. Entretanto em detalhes: - Quando existe a quietude, certas pessoas sentem que seus membros se imobilizam ligeiramente e algumas vezes, quando a quietude se reforça, elas experimentam um ligeiro frio nos pés e nas mãos e a respiração está um pouco influenciada. Os olhos se abertos permanecem intuitivamente sem movimento e os objetos que o circundam, muitas vezes, mostram-se como que cobertos por um véu ou vapor branquicento a semelhança de uma cerração ou nevoeiro o qual tem as suas flutuações, assim como a oração também as tem. Ele se reforça com o reforço da oração, por momentos, e depois diminui da mesma forma. Pelo (folha 162) contrário, outras pessoas se lembram de terem jamais experimentado semelhantes fenômenos; porque instintivamente conservam os olhos sempre fechados e nem se lembram de fazer experiência neste sentido. E pois que a quietude opõem-se aos movimentos do corpo, este por sua vez deve reciprocamente, reagir para diminuir a quietude.

A experiência confirma de um modo indiscutível, esta previsão, mas com esta restrição que os movimentos muito curtos não tem senão uma influencia momentânea. Assim quando uma pessoa se põe a caminhar e sobre tudo, a olhar para a direita e para a esquerda, de um modo um tanto prolongado, ela sente que a ação divina diminui, e por fim desaparece por completo: se pelo contrário, se de passagem apenas se move, por exemplo, para tossir, mudar de posição em sua cadeira, ou para dar um aviso muito breve; a diminuição é passageira e voltar-se então e imediatamente ao estado primitivo, principalmente se os olhos permanecem fechadas. Segue-se daqui que para sair da quietude, quando se faz preciso, basta caminhar ou fazer movimentos quando se quer diminuí-la. Os fenômenos acessórios do êxtase são: 1º a levitação do corpo, isto é, o corpo eleva-se no ar. 2º não raras vezes mostra-se circundado de uma auréola luminosa; 3º às vezes emite perfumes; 4º, não raras vezes recebem estigmas. Estes fenômenos não são um efeito da união mística, como as que acima descrevemos; porque são superacopiados ou acumulados e os mais das vezes para que se de crédito a um desses servos de Deus, que ele encarrega de alguma missão importante, seja para uma ordem religiosa, seja para conduzir à fé em toda uma paz, etc. O Padre Serafim falando dos fenômenos de levitação e dos outros congêneres, diz com Lopes Esquina que o corpo

perde realmente o seu peso “Esta hipótese se não pode ser sustentada. Porque então corpo se, portanto como uma pena que remonta a superfície da água. Em virtude deste princípio de Arquimedes, lançar-se-ias como uma flecha até os limites extremos de nossa atmosfera, isto é, para lê de 70 quilômetros. Quem sabe se mesmo em virtude da velocidade pré-concebida, não continuaria indefinidamente a atravessar os espaços celestes? Há uma explicação mais simples! O corpo (folha 163) esta nas condições análogas de um balão, que remonta, o qual toma sua posição de equilíbrio e oscila. Não há nada a se destruir, mas há alguma coisa a acrescentar-se, mas há alguma coisa a acrescentar-se, a saber, uma força igual e em sentido contrário ao da gravidade. Santa Tereza parece indicar o que acaba de dizer, quando afirma que: “quando resistir ao êxtase sentia sob meus pés umas forças assombrosas que me elevam; não sei a que compará-las”.

10º caráter secundário de união mística. Consiste em que a união mística impede, mas ou menos a produção de certos atos interiores que se poderia produzir voluntariamente na oração ordinária. A este fenômeno dá-se o nome de “*ligature*” das potências e quando ele é muito forte toma o nome de suspensão das princípio.

Esta última palavra não significativa supressão como acontece quando usamos para indicar que o movimento foi suspenso; mas unicamente para significar que as princípio não se acham mais aplicadas a seus objetos ordinários.

Então elas acham (*saisées*) voltadas para um objeto mais importante. A palavra ligeiramente indica que a alma se acha no estado de um homem cujos membros estão tolhidos, ligados, mais ou menos fortemente por bandos e que, por conseguinte, não se poderiam mover sem dificuldade. No êxtase a sua existência torna-se mais evidente, salvo exceções (sic); não se pode então fazer outra coisa, senão receber o que Deus concede; enquanto que para o resto, se está tolhido. Por analogia pode-se prever ou entrever que deve alguma coisa semelhante na quietude que é uma diminuir do êxtase; e a experiência confirma esta previsão tão bem que questão é uma das questões das quais os místicos se têm preocupado mais. Ela, com efeito, como passamos a demonstrar, tem muitas conseqüências práticas. Na quietude só começamos a perceber esta ligadura quando a graça mística nos surpreende durante o tempo de uma súplica vocal que ela vem interromper ou quando nos achando pouco encontrados em nossa oração, procuramos em vão completá-la por meio de reflexões ou de orações vocais. A ligadura, pois na quietude não constitui uma impossibilidade absoluta. De fato, podemos começar a recitar uma oração vocal, tal como o Padre Nosso; mas não sei por qual (folha

164) força secreta então nos paramos seguido, depois de havermos pronunciado duas ou três palavras.

Baluciamos e depois de fazermos mais um novo esforço, começamos a repetir o Padre Nosso, e ainda uma outra vez o mesmo obstáculo, e assim por diante. Pelo que rapidamente nos fadigamos se quisermos continuar com esta teimosia. O único conselho seria de resignar-nos como direi mais adiante.

Na oração ordinária nada de semelhante se observa, todavia, não se encontra gosto em recitar uma oração vocal; mas isto nasce de uma impressão de um gênero bem diferente, e sempre que se fizer o necessário esforço, para nos colocar no trem, continuar-se-á geralmente sem dificuldade. O contrário, como se vê, tem lugar aqui. A intensidade da ligadura é fraca na quietude quando esta por sua vez é também fraca; geralmente ela argumenta a intensidade da quietude. Dá-se o mesmo relativamente à impressão de repouso que acompanha a quietude. É provável que esta impressão seja sem efeito da ligadura. Entretanto nos detalhes dos atos pelos quais sentimos este obstáculo. São precisamente aqueles que chamamos adicionais. Além disto, não se trata senão de atos voluntários, tais como a recitação de uma oração vocal. Quando aos pensamentos involuntários, isto é, as distrações, nós vimos que infelizmente não sempre as podemos impedir. E há nisto um fato digno de ser notado, e vem a ser que na quietude não existe um regime diferente para os pensamentos involuntários. Alguns que, portanto, parecem úteis, estão – *gerúes* -, e os outros que certamente são nocivos, não encontram muitas vezes nenhum obstáculo.

Podemos enunciar sobre uma outra fórmula os princípios precedentes, dizendo que o estado místico tem geralmente uma tendência para excluir tudo àquilo que lhe é estranho e, sobretudo o que vem de nossa industria ou de nossos esforços. Em resumo, podemos dar esta definição de ligadura, dizendo que é um gene que nos leva a produzir voluntariamente atos adicionais durante o estado místico.

A ligadura pode versar-se sobre duas sortes de atos adicionais, a saber, sobre as orações vocais e as reflexões. Passemos a examinar separadamente estes atos para indicarmos em seguida as regras (folha 165) de conduta.

Sobre os fatos concernentes às orações vocais ou as interiores.

Pode-se apresentar mais casos, além daquele de uma quietude muito fraca: 1º se trata de um desejo muito simples de uma súplica curta e sem palavras, geralmente não se encontra dificuldade. Pode-se colocá-la cá e lá na oração contanto que não sejam muito freqüentes, podendo-se desta sorte enviar dados desejos a Deus; 2º, consideramos

agora as suplicas que não são ainda puramente interiores, mas formulados por frases. Temos mais ou menos tanta facilidade como no 1º caso, se estas frases são muito curtas e repetidas sem variedade, o. gr. (?):. Meu Deus piedade! Os atos sem variedade se acomodam muito bem com o repouso místico; 3º, não sucede assim quando se trata de uma recitação propriamente dita, isto é, feita vocalmente, ainda que com voz submissa; porque supõe frases longas e variadas. Tais recitação não podemos dizê-las comodamente a não ser quando a quietude é fraca. Assim há vezes em que não se pode recitar um tempo do rosário, até mesmo o breviário se permanece imóvel. Faz-se preciso então caminharmos como dissemos: resultado daí que a quietude é ordinariamente “suficientemente para que possamos fazer os nossos exercícios. Não obstante isto, há casos em que não sempre se consegue recobrar a liberdade de ação se quando, por exemplo, há grande abundancia de graças, como sucede com os estáticos. Assim São Felipe Néri não podia muitas vezes dizer o seu breviário, senão dizendo-o em companhia de um outro, porque se mergulhava em Deus sob a ação de êxtase. São José de Cupertino não podia chegar ao fim do seu breviários e muitas vezes ao chegar a noite ele ainda não havia podido recitar todo o seu ofício; não obstante desde pela manha ter-se esforçado para prontificar-se ou para dizê-lo. Santo Ignácio foi dispensado pelo mesmo motivo, e era um verdadeiro milagre que sob a ação estática, pudesse o santo “*achever*” de dizer a santa missa. São Inácio era obrigado a interromper sua missa varias vezes. Por isso empregava uma hora, não obstante o desejo de observar de meia hora ou menos que fixará para os seus religiosos. (folha 166)

E é este um caso de dispensa para o breviário e tão legítimo como aquele que tem por motivo a *miganix* ou outra qualquer enfermidade.

E nestes casos, respondendo a certas objeções, direi que Deus não se contradiz mais do que quando envia uma enfermidade que impede de ir à Missa no domingo ou de jejuar de magro na sexta feira. Quando uma lei eclesiástica é moralmente impossível a aceitar-se, ela cessa de obrigar.

Deus não se contradiz senão no caso que Ele mantivesse a obrigação, tirando-nos todos os meios próprios para nos amoldar a elas.

4º, a recitação em voz alta, geralmente os poderes não encontram sérias dificuldades na recitação das orações da Missa. Todavia, afirma-se que as orações que se fazem em voz baixa, são difíceis. A razão está em que na Missa muitas orações se fazem em voz alta, pelo que existe um certo número de movimentos do peito, da garganta, etc., e eis aí como se disse já um obstáculo para conseguir-se a quietude

intensa. Além disso, todas as orações são entrecortadas por deslocamentos e a leitura obriga também os olhos a moverem-se; enfim o simples ato de estar “*debout*” e muitas vezes com os braços levantados, e exige um pequeno e contínuo esforço, porém suficiente para impedir uma forte absorção em Deus. Aqueles que durante o dia não podem recitar o terço, dizem facilmente a missa. Dá-se o mesmo de um abandono a idéia *a priori*, querendo dar-se contra dos fatos, eu apliquei-me sobre este sujeito, fazendo diversas perguntas nos conventos de vida contemplativa sobre o assunto. E a resposta a mais geral, foi que se dá uma pequena ligadura, porém fácil a vencer-se. Em todo o caso, acrescentar que poder-se-á recitar materialmente as palavras, permanecendo atenção fixa principalmente sobre a ação divina interior. Outras, porém muito forte, porém foram poucos os que assim afirmavam, outros finalmente disseram que nunca tinha experimentado esta dificuldade. E bom ter em mente que dissemos que a quietude quando intensa impede a oração vocal, porque conquanto por si falando, esta proposição: - a quietude impede a oração vocal, seja verdadeira; todavia, pode dar origem a muitas objeções tomada assim em absoluto.

Impede, pois a oração, quando ela é intensa e a oração é tal que não pode opor-se a este mar divino. (folha 167)

A quietude suplicante vimos que para certos atos existe maior ou menor liberdade e não já ligadura das princípio, até mesmo dão-se casos em que se experimenta o contrario, então, isto é, tem-se a impulsão das princípio. V. gr, faz-se uma suplica a semelhança de um fato irresistível, então tem-se o que se poderia chamar: quietude suplicante. Este lançamento apresenta um contraste bem curioso com o repouso que se continue a experimentar. Parece-se com a vivacidade de um jato de água no meio de uma bacia tranqüila.

Sobre os fatos concernentes aos pensamentos e as reflexões. – aqui também se faz preciso evitar o absoluto da proposição: - a quietude impede de pensar em Nosso Senhor e nos mistérios seus com o bem se nas virtudes. Examinaremos quatro casos, deixando de lado os outros nos quais a quietude é muito pensar na pessoa de Nosso Senhor ou na de um Santo, contando que se faça de uma maneira simples, sem discursos e que haja interrupções.

Ter-se há assim ocasião de fazer de tempo em tempo atos de amor para com o Salvador.

2º caso para certas pessoas em certos momentos dá-se o mesmo com relação aos mistérios, contanto que também eles sejam encarados de uma maneira

simples. 3º caso, sucede o contrário quando se deseja entregar-se ao desenvolvimento ou percorrer as circunstâncias de um fato histórico; encontrar-se-á então uma verdadeira resistência, sobre tudo se o espírito não for levado como de si próprio à estas considerações. 4º caso, quando o indivíduo chegar ao período do êxtase, encontrará uma grande facilidade para contemplar os mistérios. E não se deve atribuir esta facilidade à faculdade de discorrer que reaparecem, senão a uma luz especial que Deus concede nestas ocasiões.

Segue-se do que acabamos de expor sobre isto umas considerações em relação à quietude, que ela deve ser considerada com um período de transição, no qual certos exercícios se tornam difíceis; porém, temporariamente. Se o indivíduo remontar a maiores alturas, encontrar-se-á, porém, sob uma forma mais perfeita. Contra as que dizem ser uma ociosidade esta oração, responderemos: 1º que a alma tem pelo contrário, uma ocupação muito perfeita, a qual é de pensar em Deus, sentir a sua presença e amá-la, sem mencionar todas as outras reflexões (folha 168) úteis concomitantes e próprias deste estado. 2º, que esta ocupação é a melhor que se pode desejar.

E se alguns pensam o contrário, é porque se figuram que as resoluções práticas, não terão força, visto não advirem pelas numerosas reflexões: Mas, isto é, um erro, já refutado quando tratamos da oração de simplicidade. Mas aqui ele se torna ainda mais evidente, porque, como vimos às orações sobrenaturais, são acompanhadas as virtudes produzidas sem reflexões. Se a alma, portanto, parece ociosa, Deus no-lo é. Assim os anêmicos recorrem seguidos ao tratamento pela cura ao ar. Eles vão para o campo ou para a briga da praia ou para cima de uma montanha, e lê se contentam de respirar a plenos pulmões. Prece a primeira vista, que se estão ociosos, porém o ambiente em que acham mergulhados, exerce sobre eles uma ação secreta que os transforma sem que eles possam saber como.

Da mesma forma nos estados místicos, conquanto, muitas vezes pareça que nada fazemos ou aproveitamos; todavia, porque se acha, submergidos numa atmosfera divina, que age a alma debilitada recupera as suas forças, aquece-se e brilha no fogo do amor divino. Este tratamento é realmente diverso do que se usa ordinariamente ela o reconhece perfeitamente. De resto como poderá suceder o contrário e com qual fim Deus se afastaria de suas leis ordinárias, para se comunicar e suas almas, a não ser com o fim qual é o de argumentar a santificação dessas almas com as quais de um modo tão extraordinário ele se comunica.

Regras de conduta

São três estas regras. 1º regra: concernente aos atos que a ligadura torna difícil durante a oração nunca se deve fazer violência para os produzir. Em uma palavra, deve aceitar-se a oração de Deus tal qual é, em vez de a contrariar.

Os motivos são porque do contrário lutar-se-á em vão e em pura perda, porque poder-se-á conseguir alguma coisa por um instante apenas. E as conseqüências ou os resultados definitivos, seria quebrar-se a cabeça e perturbar o estado sobrenatural. Há um outro motivo, e vem a ser que a conformidade à vontade divina exige que não se resista a sua ação. Somente faz-se preciso notar que esta razão supõe implicitamente a primeira e neste caso ela não (folha 169) faz outra coisa senão completá-la. E como podemos conhecer que Deus quer a nossa imobilidade? Senão porque a experimentarmos pela experiência que ela é inevitável. Se a oração que nos envia não produzisse nenhuma dificuldade ou uma dificuldade insignificante, poderíamos com fundamento supor que Deus nos convidava a superá-la. O que torna muito claro o pleno divino é que não temos que escolher entre o abandonar a oração ou também tal qual como ela é. Conseqüência: 1º para as oração que não são de obrigação, poderemos suprimi-las sem escrúpulo, quando nisto encontramos dificuldade; 2º, quando, porém se tratar de orações as quais estamos obrigados, nos industriaremos (sic), sem violência para as fazer; nos poremos por exemplo a caminhar, 3º, o diretor não deverá mandar que se faça grandes esforços para produzir os atos de oração ordinária. Os que assim procedem, o fazem de boa fé e mostrar a sua ignorância em matéria de mística ou talvez creia que a luta é mui fácil ou que a ligadura provenha do inimigo.

2º regra: concernente aos atos para os quais sentimos facilidade durante a oração, convém aceitá-la sem relutância. Se os não se fazem, é preciso pelo menos, que não se seja de alguma forma levado pelo orgulho, dizendo interiormente que o pensamento de Nosso Senhor ou das virtudes é um exercício dos principiantes; que a contemplação exclusiva do ser divino lhe é suficiente, ou que a exclusão da lembrança de Nosso Senhor é o caminho da contemplação: Esta lembrança seria um obstáculo para ele. E esta é precisamente a linguagem dos quietistas (sic).

Eles de fato pretendiam que as almas desejosas de chegarem a perfeição deviam na oração evitar *a priori* todos os pensamentos distintos e os desejos.

Vimos que a 1º regra não é fundada sobre este sistema absurdo, mas sobre a impossibilidade moral em que os indivíduos se acham de produzir os atos e, por

consequente, o motivo desaparece quando a importância também desaparece, porque então há mais razão para ficar-se inativo. Em particular os quietistas falavam da humanidade de Nosso Senhor e dos seus mistérios, com desprezo. Eles queriam que se deixasse de lado este sujeito de contemplação. Mas esta doutrina é contrária ao espírito da Igreja, que durante todo o curso do ano, nos convida a celebrarmos os principais mistérios ou acontecimentos (folha 170) da vida de Nosso Salvador. E é também uma ingratidão esquecer-nos da alegria de coração sistematicamente. E aquele à quem tudo nos devemos, como também esta oração sobrenatural tão preciosa para nossa santificação com qual ele costuma elevar as almas de seus amigos. Sobre a extensão na aplicação, diremos ser por ventura em alguma circunstancia encontramos dificuldade em pensar em Jesus Cristo ou em nos darmos a oração vocal, não nos devemos por isso inquietar; porque tudo quando se exige então, é que: 1º, o Senhor tinha uma parte importante e a maior que for possível no conjunto de nossa vida espiritual. E isto não é uma questão de hora, nem de momento; 2º, que de nossa parte não devemos nos alegrar por esta dificuldade como uma perfeição, mas sim sentimos como uma enfermidade que é da nossa natureza e aspirar o momento em que recobremos a nossa liberdade.

Terceira regra: constitui em que devemos seguir (?) da oração, é que tendo-se em todos os dias uma multidão de momento em que a ligadura é muito fraca para nos impedir a oração vocal ou o pensar em Nosso Senhor, e não virtudes, devemos aproveitar-nos desses momentos.

E a ocasião ser-nos-á fornecida pelas leituras, pelos sermões ou os officias publicas pelas leituras, pelos sermões ou os officiais públicos. Estas regras nos permitam de conciliar o que no princípio nos parecia impossível ou difícil, devido a impotência causada pelo estado místico com o dever que nos temos de honrar e amar a Jesus Cristo.

Geralmente falando as ocupações exteriores perturbam a quietude e a fazem desaparecer, ainda mesmo quando o corpo não toma senão uma parte muito pequena, como seja o caso de uma conversação ou de uma leitura. Porém muitas vezes Deus concede uma graça especial para que duas ocupação tão diferentes, uma interior e outra exterior, persistiam ambas durante um tempo notável. Santa Tereza empunha-se quando faz notar que não se está plenamente ativo em nenhuma destas singulares objetos. Este estado constitui um estado místico que se pode chamar com o nome de quietude agente ou operosa. É somente no grau de sponsalício spiritual, que estas duas operações (?) de embaraçarem uma a outra.

Todavia na Igreja a quietude não é perturbada por uma música bem executada (folha 171) e harmoniosa, que se sente gosto em executá-la. Estes cânticos que existam ao menos indiretamente ao amor divino casam-se perfeitamente com a ação sobre natural. Forma-se então um conjunto que embala e eleva nossa alma a Deus.

Esta facilidade faz contraste com o incomodo que causa em outros momentos o vai e vem dos fiéis e o ruído das suas cadeiras.

Caso se ousa um pregador, faz-se preciso mais um pouco de esforço para o seguir; mas a diferença não é grande, porque então não se tem senão que receber.

Sobre os estados de cada grau de união mística em particular. Novos detalhes sobre a quietude a qual constitui o 1º período da união mística.

Este 1º grau de união mística como dissemos, quando a atividade divina é ainda muito fraca para impedir as distrações.

Sobre suas fases necessárias

Eis qual é a ordem que Deus parece adaptar geralmente, para as primeiras graças místicas: 1º no começo Ele não concede a oração de quietude as mais das vezes senão de tempo em tempo e por alguns minutos, *verbe gratia* Por espaço de uma Ave Maria. E foi precisamente o que aconteceu com Santa Tereza na idade de 20 anos.

Estas graças vem de improviso e quando menos se pensa: De repente é se surpreendido por um recolhimento fora de comum; depois a graça desaparece de súbito.

2º, a época em que esta graça começa a aparecer é geralmente quando já se atingiu o estado de oração que é vizinho ao da oração de simplicidade.

E é geralmente neste período de estréia, que se verifica ora avante ora depois, que a oração se tomou árida. 3º, as vezes cessão e depois de algumas graças místicas, Deus as interrompem por longo tempo e até mesmo por muitos anos. E foi este o caso de Santa Tereza. Ela teve aos 18 ou 20 anos uma interrupção quase completa. E isto aconteceu talvez para punir as nossas infidelidades. Deus quer que para continuar a receber suas graças, renunciemos a uma multidão de frivolidades é que entremos resolvidos de todo no caminho da Cruz. Talvez também por este meio queria Deus provar a confiança que n's temos na sua bondade. O demônio nos diz baixinho: "E que te serve fazer oração se tu és rejeitado e não encontrarás certamente o bem perdido".

Deus quer então que esperemos como abram contra toda a esperança. 4º, enfim chega um tempo em que a quietude é não somente muito freqüente, mas também até mesmo habitual, na oração. Neste caso sucede o mesmo até fora da oração, sempre que o pensamento de Deus se apresenta, por exemplo, na conversação, isto é, então suficiente para que se sinta convidado pela ação divina.

E se então esta ação é forte, nos sentimentos impedido em nossas ocupações; porém geralmente falando tudo desaparece rapidamente.

Sobre as alternativas de intensidade

Quando se chega à idade da quietude, habitual, não se vive por este fato sem interrupções na abundância. Haverá vezes em que o estado místico nos detém fortemente e haverá outras vezes em que ele se fortemente e haverá outras vezes em que ele se amostrará fraco. De sorte que se passará a vida por uma série de alternativas de riquezas e de semipobreza.

Como reconheceremos que temos a quietude?

A discrição que acabamos de dar do estado místico é suficiente para que uma pessoa que a tenha recebido possa reconhecer se a recebem ou não, quando pelo menos este estado se acentua perfeitamente.

Todavia juntamos ainda algumas noções a fim de facilitar este conhecimento. Imaginemos que um principiante que não teve a quietude senão quatro ou cinco vezes e somente por espaço de alguns minutos, deseje fazer um juízo sobre o que ele experimentou. Vejamos: ele se achava em oração e fazia-o de acordo com os métodos ordinários. De improviso ele se sente como que mais recolhido e sem saber porque o que não deixa de causar-lhe surpresa. Agora ele se sente possuído por uma ação a qual a natureza não emite inteiramente, mas ele se deixa levar por esta corrente, porque percebe que isto é uma ocupação piedosa, deixando para mais tarde o cuidado de examiná-la mais de perto.

E eis que depois ele pondo-se a examinar o que se passou com ele, lembra-se dos dez caracteres secundários de união mística, e percebe sem dificuldade que sua oração os encerra, principalmente os primeiros, a saber, este estado não depende em nada da sua vontade. Quando aos caracteres fundamentais, serão os últimos dos quais ele deverá ocupar-se; porque ele não passou a mesmo grau de evidencias que os outros.

Além disto à idéia de haver estado realmente em relação com Deus parece-lhe muito ousada e daí as suas dúvidas e objeções. Em resumo o principiante deverá interrogar-se pelos dez caracteres secundários.

Quanto ao sono natural: dissemos que se da muitas vezes pelos excessos de trabalho ou porque se teve insônia, torna-se difícil poder orar. Porque a imaginação as vezes passará caprichosamente (folha 173) e as vezes se obstinará em trazer a mente a lembrança de qualquer negócio que nos preocupou. Então se a pessoa esta na quietude esta oração vem seguida em parte suprir as divagações da imaginação sempre que ela pensa em Deus, não devemos considerar este estado como um estado particular de oração; mas sim como uma mistura de dois estados, um natural - a sonolência, e outro sobrenatural. O diretor tem necessidade de distinguir entre a quietude e a oração de simplicidade, a diferença que entre elas existe?...

Quanto à primeira dificuldade ou pergunta a solução prática consiste em não procurar por longo tempo, fazer este discernimento.

Poderemos deixá-lo de lado. O diretor de fato não pensará neste exame a não ser para resolver dois problemas práticos: 1º, é necessário permitir a esta pessoa poder continuar neste caminho? 2º, é necessário permitir que ela se dispense de certos exercícios de oração? Ora para responder ao primeiro quesito, não temos necessidade de distinguir se a oração é de quietude ou de simplicidade. As respostas a darem-se são as mesmas nos dois casos, a saber:

1º, que a ocupação é boa em si e santa; 2º, que se encontra facilidade e até mesmo atrativos; 3º, que ela é vantajosa. Seria, sem dúvida interessante se pudesse saber ainda mais, porém, isto não é necessário. Quanto ao segundo problema, que consiste em saber se é necessário deixar tal vocal ou exercício de devoção, será bastante perguntar a pessoa por quais motivos ela deseja esta supressão. Se for por capricho, por singularidade, ou talvez porque encontra uma verdadeira dificuldade? No último caso, dar-se lhe por regra de não se fazer a si própria violência alguma, preocupando-se então o diretor principalmente de persuadir a ela que estes novos caminhos são bons, se por ventura estas pessoas tem medo de batê-los. Prosseguindo-a falar quando a influencia do sono, direi que o êxtase pode até suprir muitas vezes o sono para dar repouso ao corpo. E aí temos a explicação, porque alguns santos podiam sem se cansar passar como São Francisco Xavier, uma grande parte da noite em oração.

Sobre os dons juntados a quietude

Já assinalei que nesta oração “*I ét reint*” pode elevar-se até o amplexo espiritual e que em certos momentos a alma é investida por uma dilação muito viva.

Uma outra graça pode também sobrevir, começa-se a ter certa vista de Deus, porém (folha 174) muito fraca. E isto não se dá somente por um toque interno; por quanto parece que uma nova maneira de agir se produz na alma que se compara a um olhar. Este olhar tende a alguma coisa de sutil e misteriosa, de imensa que nos rodeia por todos os lados, a semelhança de uma atmosfera brumosa e luminosa e gente sente que esta luz não é natural, que este espaço não é aquele onde se acham os corpos. Sem aspecto e uniforme em todas as direções, em vão se procuraria examiná-lo ou compreendê-lo. Ao mesmo tempo ele causa um grande prazer sem que se possa dizer porque. Há vezes em que esta manifestação se eleva um pouco mais e então se sente nesta imensidade um ser majestoso que nos enche de temor e de amor e até se chega as vezes a sentir-se o seu olhar.

Ilusões a evitar-se

Habitualmente não se recebe verdadeira revelação senão quando a quietude ou a união plena deve ter-se em guarda contra a idéia que eles podem ouvir palavras sobrenaturais, a não ser que elas sejam de uma evidencia irresistível; deve atribuí-las a atividade de suas próprias faculdades ou do seu próprio espírito.

Nem mesmo e com mais razões devem legar importância a certas idéias ou pensamentos muito vivos que se apoderam de nós ou vêm como tantas inspirações muito vivas, principalmente quando eles envolvem alguma coisa nova e anormal, máxime com relação ao ensinamento da Igreja e dos mistérios nesta matéria, o demônio também tem grande interesse que trabalheis de uma maneira oposta as que vos acabo de dizer, a fim de que venhais a vós ter em conta de um inspirado e até mesmo de um profeta. E por isso mesmo cometereis grandes imprudências e desacreditará vosso estado de oração. Podem também ser fonte de ilusões, certa expressão exagerada de alguns autores que falam da quietude e das suas “luzes admiráveis” que segundo eles aí se recebe. E eles dizem o verdadeiro sentido que se sente Deus presente, mas o leitor generaliza e pensa que se recebe sem cessar, conselhos distintos, etc.

Porém, uma das ilusões mais terríveis, consiste quando se pensa que se teria recebido mais auxílios se se tivesse permanecido no caminho ordinário. Até aí não há nada de irracional, mas é precisamente aí que começa a ilusão. Somos levados então a dizer: eu posso, por tanto, vigiar com (folha 175) menos cuidado sobre a minha conduta. Deus se encarregará de me preservar de todas as faltas, por quanto à amizade costuma fechar os olhos sobre os pequenos defeitos. E tende por certo que quando estas idéias ou outras semelhanças se apoderam de nossa mente, é o demônio que vos tenta de confiança exagerada em Deus ou em suas graças, como fez com Jesus Cristo quando disse: Atirai-vos do alto deste templo porque está escrito que ele vos confiou a seus anjos, afim que não vos façam mal as pedras.

Quando a familiaridade com Deus, direi que há duas sortes, como existe também entre os homens: Uma má, e consistem em não ligar mais importância as pequenas faltas. A história mostra-nos com dois exemplos célebres: O padre Falconi e a madame Gruyn, que se pode ser vítima de graves ilusões. Pois, não obstante, as graças extraordinárias de oração; eles foram grandes apóstolos do quietismo; um no 1º terço do século XVII e o outro no fim. Falconi da ordem da mercê, falecido em Madri em 1658, tinha segundo todas as aparências, uma grande virtude e dons de oração e foi por isso elevado à dignidade de venerável, sua vida escrita por seus amigos e discípulos o compara aos maiores santos. Madame Gruyn apresenta um caso análogo: Ela como o Padre Falconi, parece que receberam tudo o que lhes era necessário para atingirem a sua santidade e não obstante isto e a sua boa fé, não chegaram senão a prejudicar as almas e ser uma chaga para a Igreja.

Conclusão: os que começam a ter orações sobrenaturais não devem as exagerar nem a confiança que eles podem ter em Deus, esperando de Ele uma providência especial, que os possa preservar de idéias falsas e das imprudências no conduzir-se por estes caminhos. O que é preciso, é que sejam vigiados e guiados por um diretor sério e que o procurem e aceitem a sua direção.

Detalhes sobre a união plena que consiste o 2º período da união mística.

Depois da quietude ou união incompleta, vem a união plena, que Santa Tereza denomina: União ou contemplação perfeita. Como acima fica dito, esta união mística tão forte em que a alma esta plenamente ocupada do objeto divino, em uma palavra, nesta oração não

há distrações; porém os sentidos continuam a agir, pelo menos pela metade. A diferença que passa entre esta oração e a de quietude consiste em que neste estado a alma está profundamente submergida em Deus e muito mais do que na quietude, e a força unitiva é incomparavelmente maior. Daí as seguintes conclusões:

A 1º, fica assinalada na minha definição que acima dei; isto é, a ausência de distrações. A 2º, consiste em que o trabalho pessoal se seduz quase a nada. A 3º, vem a ser que se tem uma certeza muito mais enérgica da presença de Deus na alma. E é este último caráter que Santa Tereza considera como um sinal o mais evidente desta sorte de oração (*Château 5, Ch. 1*) (sic).

Quando a união é forte, o indivíduo começa como que a adormecer e perde em parte os sentidos, ou melhor, como Santa Tereza parece que diz: “Esta absorvido demasiadamente para prestar atenção sobre o que se passa”. O que não parece absolutamente a mesma coisa é um pouco mais fraco. Não sei se neste estado se respire bastante. Parece-me que não ou ao menos, se respira, não se tem conhecimento. Trata-se aí de um estado muito vizinho ao do êxtase. Ele está privado de todos os sentidos. “Quando a intensidade diz Santa Tereza que ela pode ser maior ou menor, é um estado intermediário entre a quietude e o êxtase, e que pode baixar à um desses dois estados ou remontar até o segundo. Quando a duração, a união que chega à sua plenitude, não dura uma meia hora segundo Santa Tereza, ela depois disto, torna a baixar a um grau inferior, isto é, a quietude, mas em seguida ela pode remontar. E o estado culminante que tem pouca duração.

É de supor-se pouca duração, digo, é de supor-se que fora do tempo de oração, os que recebem seguido a união plena, se resistam em todas as suas ocupações exteriores. Eles experimentam um sentimento contínuo de união com Deus, conquanto mais fraco e mais confuso. Courbon a afirma e seu testemunho é de grande peso, porque ele conheceu pessoas que haviam chegado à este grau de oração.

Sobre o êxtase que é o 3º período da união mística

Vimos que o êxtase é caracterizado pela circunstância que os sentimentos não agem neste estado e se agem é de uma maneira assaz confusa. Neste estado não se pode executar nenhum movimento voluntário.

Santa Tereza para evitar a palavra êxtase, usa do vocábulo união. As diversas espécies de êxtases são as seguintes: 1º, o êxtase simples, se produz, isto é, docemente, e pouco a pouco. Ordinariamente supõe-se que nesta espécie não se dão revelações. 2º, raptos (*revi sernent*) (sic) e dá-se quando é subitâneo e violento; 3º, o vôo de espírito e dá-se quando, como diz Santa Tereza, parece que este raptos impetuoso separa o espírito do corpo. Enquanto tudo (folha 177) isto se passa à alma esta unida ao corpo ou esta separada dele? Eu não sei e não afirmarei – nem uma nem outra coisa.

Algumas particularidades

1º, os raptos causam um grande frio, 2º, Deus então quase sempre revela algum segredo de ordem sobrenatural, 3º, ordinariamente não se lhe pode resistir, isto é, a este movimento violento do raptos; porém, no êxtase simples, resistência é possível; 4º, saindo-se do raptos tem-se algumas vezes dificuldade para voltar à ocupação exteriores, e esta dificuldades perderá por alguns dias; 5º, o corpo conserva atividade em que foi surpreendido; 6º, em saindo-se do raptos, que veio no meio de uma conservação ou de uma oração, que se continua à frase que se pronunciou ao entrar neste estado sobre natural. São Francisco de Sales verificou esta circunstância, na irmã Anna Rosset.

Quanto à duração. Na vida dos Santos temos um grande número de exemplos de santos que permaneceram em êxtase por várias horas. Um dos mais notáveis foi o de São Tomas de Vila Nova, quando ele dizia o ofício da ascensão, afirma a bula de canonização que ele entrou em êxtase e ficou suspenso no ar por 12 horas.

A beata Ângela de Foligno ficou estática por três dias; o beato Colombo de Ricti, por cinco dias; Maria de Escobar, por seis dias. Santo Inácio, por oito dias, Santa Coletta, por 15 dias, Santa Madalena de Pazzi por quarenta dias. (Bolland. Pg. 221. 1 re V.V n 151).

Quando a idade segundo o Doutor Inubert, Santa Hildegarda, Catarina de Rucconigi, Domingos de Paraíso, Santa Catarina de Siena, tiveram aos quatro anos; São Pedro de Alcântara, a beata Osane de Mantone, Santa Ângela de Bréscia, e a madre Inez de Jesus de Laucar, tiveram aos seis anos; Blaise de Caltarisette aos sete anos; Cristina de Stumble, aos onze anos. Inez de Montepulciano, aos quatorze; Maria de Agréda, aos dezoito; Verônica de Binosco, aos quarenta e Santa Tereza, aos quarenta e três (*La estigmatização* tom. II XVII, p. 276).

Quanto à freqüência, foi muito grande em muitos santos. Santa Madalena de Pozzi, São Miguel de Santis e São José de Cupertino, a vida deles não era senão um contínuo êxtase.

Sobre as visões intelectuais da Divindade

Nestes graus precedentes Deus permite a alma mergulhar-se nele mais ou menos profundamente, porém, ele não se deixa ver; porém, (folha 178) nos raptos, muitas vezes acontece o contrário, porque muitos atributos que lhe permaneciam ocultos, começam a ser-lhe manifestados.

Uma das comunicações mais alta e comumente indicada pelos autores é a visão intelectual da Santíssima Trindade. Conquanto não se soubesse pelo ensinamento da Igreja, quantas pessoas há em Deus, e como elas procedem umas das outras, se chegaria então, a saber, e de uma maneira experimental, em vendo-as. Tratamos deste assunto mais adiante.

A venerável Marina de Escobar, conta que por vezes ela via intelectualmente uma das pessoas divinas sem as duas outras; seja o verbo, seja o Padre seja o Espírito Santo; porém mais seguido o Espírito Santo.

Sobre a contemplação cega. Quando Deus faz perceber os seus atributos, permanece sempre uma certa obscuridade. Coisa singular, quanto mais a luz é forte, tanto mais a alma sente-se ofuscada e a noite. Assim é que se tem uma mistura de luzes e de ignorância é o que se torna mais saliente. O atributo do incompreensível se manifesta de mais a mais. A gente afunda-se nas trevas divinas.

Sobre os atributos não participáveis: este efeito que cega, é produzido não somente pela grandíssima vivacidade da luz divina, senão também pela grandíssima vivacidade da luz divina, senão também pela natureza de certos atributos que se manifestam e há alguns que, para nós são mil vezes mais incompreensíveis do que outros. E a obscuridade (?) que eles produzem chama-se a grande treva.

Estes atributos mais profundos são aqueles que nenhuma criatura não pode possuir, isto é, as não participáveis; *verbi gratia* a infinidade, a eternidade, o poder criador, a ciência, enquanto que é universal, a imutabilidade, a acidade, isto é, a ausência de uma causa externa, a ausência da distinção real entre os atributos e a fusão deles em um bem indefinível e superior que encerra todos os bens. E para fazermos uma idéia desta fusão

dos atributos divinos em um só que é a plenitude do ser, consideremos o que se passa quando tudo na mão bola de vidro, nós a miramos de fora.

Então a vemos limitada por um contorno circular.

Se mudarmos de lugar, percebemos um outro círculo um novo círculo. Mas se colocarmos ou dirigirmos as nossas vistas para o interior, o aspecto mudou-se completamente, agora vamos e não vemos círculos; podemos dizer que vemos, enquanto que o que aparece é uma face uniforme, que envolve a nossa vista (folha 179) de todas as partes e sobre a qual nada de distinto existe trocado, e todavia, estes círculos lá estão de certos modo, que classificamos de virtuais; porém esforço de pensamento podemos destacá-lo do conjunto, e para isto basta fazermos abstração de uma parte da superfície. Assim também há duas maneiras de conhecer a Deus; uma humana, isto é, a da razão. Vemo-lo então sob o aspecto especial destes ou daquele de dentro, do centro, que Deus nos concede pela participação de sua natureza. Não há mais mudança sobre o ponto de vista; por quanto, tudo esta inteiramente fundido.

Prosseguindo, direi que a natureza divina pode ser comparada ao globo do astro do dia.

Quando nossos olhos contemplam este astro, não encontram logo no começo senão uma superfície luminosa, porém, através de suas dicherures (sic) os astrônomos vêem o grande núcleo obscuro. Assim também Deus tem dois invólucros ou camadas de atributos: os da superfície pode estender a sua luz até as criaturas e se refletir, por elas nos conheceremos a *l'avance* (sic), *verbi gratia*, a bondade, a justiça, a misericórdia, a inteligência; porém *au dessous* (sic) existe o núcleo central e tenebroso dos atributos não participáveis.

As criaturas não recebem os seus raios. A razão que em nenhuma parte as encontra permanece interdita diante desta manifestação tão nova. Daqui resulta uma obscuridade especial, e vem a ser que se permanece *e'blanie* (sic) e cega.

Sobre a contemplação dita por negação. Nossa inteligência de párvulos não concebe nem designa a maior parte dos atributos não participáveis que indiretamente por negação das coisas conhecidas. Mas em Deus, eles se acham em um estado passivo e só pela contemplação infusa é que os atingimos como positivos superando assim a razão a contemplação infusa; a razão a contemplação infusa; a razão que unicamente se apega às noções negativas.

Assim, quando os autores dizem que aqui a contemplação procede por negação, eles querem simplesmente fazer alusão a linguagem imperfeita e negativa da qual eles são obrigados a servirem-se para descrever o que eles percebem.

Na via ordinária há uma contemplação adquirida que se chama também contemplação negação por negação, mas esta contemplação não constitui um estado de oração; mas sim um processo para conceber idéias sobre Deus propriamente falando, quando se declara que Ele não tem as imperfeições das criaturas e que possui as perfeições de um modo mais elevado.

Faz-se, portanto, preciso não confundir este trabalho filosófico do espírito com o (folha 180) verdadeiro estado místico. A grande treva vem às vezes *sillomei* (sic) do fogo de uma claridade rápida, que se torna sem dificuldade pela luz da glória, porque ela parece mostrar Deus tal qual Ele é.

Comparação da visão beatificada e das visões intelectuais da divindade. Interroguemos os místicos descritivos e depois os teólogos, as quais completam os místicos. Estes se contentam geralmente de duas notas, que traduzem a impressão que eles provam.

Eles afirmam que o conhecimento que lhes é concedido é experimental, e nisto temos uma analogia com a visão celestial; dizem também que ela encerra sempre uma certa obscuridade, isto é, uma diferença. Mas nem realidade a diferença é mais profunda.

A visão dos místicos é de uma outra natureza. Ela não manifesta a Deus tal qual Ele é em si - os teólogos precisam esta diferença servindo-se da doutrina das espécies impressas, que poderíamos revocar em poucas palavras; conquanto nossa explicação não interessa senão a um pequeno número de leitores. Ei-lá quando a nossa vista tem uma percepção, ela não entra em ação senão porque uma explicação partida do objeto percebido a provocou. Geralmente nossa inteligência não passa da potencia ao ato, senão quando há uma coisa determinada. Se o conhecimento é experimental, esta causa tem duas outras propriedades, ela provem do objeto e o conhecimento que ele fornecesse termina-se neste objeto manifestando não só como possível, mas também como existe igualmente como presente. Dá-se a esta coisa o nome de espécies impressas. Estas espécies não é o que se vê, mas sim aquilo que nos faz ver. Deus pode fazer-se conher (sic) de duas maneiras; uma da maneira das criaturas, isto é, por uma espécie criada, pode também se fazer conher sem a intervenção desta espécie; isto é, Ele mesmo pode representar o seu papel. Ora, segundo os teólogos este último modo, constitui a visão intuitiva, a do crer; a outra, é própria da contemplação mística. Estas não dão propriamente uma visão de Deus; porque sendo as espécies inteligentes criadas, são incapazes de representarem e Ser (?) tal qual Ele é em si mesmo; pelo que a mais que pode ser esta representação, isto é, ser uma imagem espiritual da divina essência, produzida por Deus mesmo, a qual só Ele pode produzi-la e que é inefavelmente (sic) possante. Quando a contemplação

adquirida na meditação ordinária, Deus não envia sobrenatural nenhuma espécie, isto é, não envia (folha 181) nenhuma imagem intelectual que excite. Ele se contenta de auxiliar sobrenatural a servir-se de conhecimento que serão adquiridos pelos caminhos naturais. O objeto é conhecido como ele é pelo estudo. Mas a ação é sobrenaturalizada (sic). Objetam pelo fato que não se recebe de Deus senão espécies inteligíveis não se deveriam dizer que se vê. Esta expressão devia reservar-se para a visão beatífica. Respondemos dizendo que não há nenhum motivo sério para impor uma restrição. Os santos usarão sempre as palavras ver, visão, para significar as altas comunicações divinas que eles receberam e a Igreja jamais as incomodo, nem tão pouco nos mostramos severos. E haverá alguma pessoa que haja passado “*em passant*” pelo gozar beatífica profundamente dito? Esta questão tendo sido longamente discutida pelos teólogos em me contendo de enviá-las para as más obras. Não temos experiências certas sobre este ponto. Em resumo, se admite geralmente que esta graça é possível, mas é excessivamente rara. A dificuldade começa quando se quer decidir se este favor foi concedido a tal ou a tal santo em particular.

Sobre este ponto, estamos reduzidos à razão de puras conveniências ou de sentimentos, que não convencem a todos. Deus é obrigado de fazer tudo aquilo que nos parece conveniente. Ele fez ou não fez? ... Eis ai a verdadeira questão, a qual permanecerá sempre obscura.

Sofrimento espiritual no êxtase ou depois do êxtase. Não quero que por isso se suponha que no êxtase ou imediatamente, não haja jóia; todavia, direi que há êxtases mais ou menos dolorosos, isto é, depende da qualidade de atributos que Deus manifesta e dos conhecimentos secundários que Ele anexa. Se por exemplo, vemos a dignidade infinita de Deus, sua santidade, seu ódio para com o pecado e que ao mesmo tempo nos vemos esclarecidos sobre nossa indignidade; o contraste será então patente, experimentaremos para com nos mesmos um sentimento de desgosto e de horror. Compreendem-se então estas palavras dos santos, quando se dizem grandes pecadores, chegando até exageradamente a reputarem-se os maiores pecadores. É que eles não encontram termos bastante fortes para tornar palpitante o sentimento de repulsão que eles sentiam de si próprio.

O ódio leva a cobrirem seus inimigos de injúrias e os santos na luz divina, chegam a se odiar como tantos pecadores eles fossem. Assim sucede também, *mutatis mutandis*, quando Deus mostra a (folha 182) severidade de seus julgamentos e o seu amor olvidados.

Outros sofrimentos enviam a Deus a seus santos no êxtase: Deus os fez passar diante de seus olhos as cenas da sua paixão. Então eles participam de todas as dores de Jesus Cristo como acontecera com a virgem Santíssima no caminho do calvário, ou mais antes como Ele o fez durante toda a sua vida.

Influencia sobre a saúde. Santa Tereza declara que o êxtase nunca a prejudicou na saúde por mais tempo que ele durasse. Eu não me lembro no mesmo do meio de minhas maiores enfermidades de ter recebido este favor de Deus, sem ter experimentado melhores muito sensíveis; e como poderia fazer-me mal um tão grande benefício, se esta graça eleva passageiramente as forças por causa do excesso do prazer, isto não é senão para em seguida de uma maior força. Em alguns casos não obstante a sensação do êxtase, e seguido de uma fraqueza física considerável. O Doutor Imbert cita vários casos, tais como a de Santa Elisabeth de Hungria.

Sobre o “*rappel*”. Os confessores dos estáticos ou seus superiores em uma palavra qualquer que haja recebido da Igreja a autoridade sobre estas pessoas podem dar-lhes a ordem de voltar ao estado natural. Esta ordem pode ser oral, vocal, ora oral, ora mental. A experiência mostra algumas vezes o confessor ou etc. consegue o seu intuito; porém geralmente, segundo Scharamelli, é sem efeito. O Padre Serafim, que assistiu muitas vezes os êxtases de Luiza Sateau, diz também de não ter sempre conseguido despertá-la do êxtase como “*rappel*” mental. (teologia mística. N: 194).

Pode dar-se a razão seguinte que quando Deus concede que seja concedido a ordem dada, Ele assim o faz para glorificar a autoridade espiritual do superior; mas para isto é preciso que esta autoridade não pressinta da sua intervenção. No “*rappel*” exterior, considera que ele sempre é obedecido, como nos prova a historia quotidiana, se, porém, o êxtase for divino. Não há santo que tenha apresentado uma expressão. Há, porém uma semi-exceção sinalada pelo padre Serafim, isto é, dá-se quando o extático esta doente, ele faz um primeiro movimento, como quem quer se acordar. E mostra assim a sua obediência. Mas por motivos físicos, que ignoramos, ele volta a si, senão muito dificilmente. Se dando ordens exteriores, o superior tem a vontade interior de não ser obedecido, o extático permanece no mesmo estado. Dá-se o mesmo se em vez de uma ordem absoluta, dá-se uma ordem condicional (folha 183) ou a gente se contenta de uma supplica. Em fim o superior tem, dig, não tem direito de ser obedecido se ele comandasse um milagre, *verbi gratia*, se ele dissesse ao extático de se transportar para a Igreja. Mas se o “*rappel*” sortir efeito poderá daí inferir-se que é divino? Não. Por que se admite que o demônio podendo simular, também exteriormente o êxtase, poderá chegar a dar

disposição interior a esta virtude, mas produzirá a aparência, ao menos “*en passant*”. Quando a consciência que podem ou não ter este “*rappel*” diremos que muitos extáticos não saibam que tinham sido chamados, *verbi gratia*, São José de Cupertino.

Deus se retira simplesmente, sem que o paciente saiba o motivo. Porém encontramos também num exemplo contrario José do Espírito Santo cita um caso do venerável Domingo de Jesus Maria e vem a ser que quando seu superior, mesmo ausente lhe ordenava de sair do êxtase, ele ouviu Deus dizer-lhe: “Recupera teus sentidos e obedece à ordem que te dou pela boca do teu superior” o Padre Serafim diz que os “*rappels*” fazem sofrer muito os extáticos. E só encontrou uma exceção, a saber, quando o êxtase se dava depois da comunhão, e que era no momento do “*rappel*” o qual tinha lugar quando unidas os santos espécies não tinham sido consumidos. Ignora-se nisto em lei geral. Conclui o Padre Serafim deste fato que só raras vezes se deve fazer o “*rappel*”, isto é, quando há necessidade. Os teólogos dizem que neste estado eles satisfazem o preceito de ouvir missa nos domingos; porque as intenções da Igreja foram suficientemente satisfatórias; e afirmam também que a alma merece durante o êxtase; porque como diz Santa Tereza, “não é crível que a alma neste estado perca seu tempo”.

E Soares diz que é contrário “e inverasível”. Dizem que para merece faz-se preciso que se seja livre, ora, etc...

Respondo, precisamente nos admitimos que se é em certo pondo. São Tomás diz que só visão beatifica é capaz de necessitar de uma maneira absoluto a vontade. Segundo ele, quando um bem nos é proposto com alguma mistura de imperfeição, (que é o caso da contemplação, por causa das suas obscuridade), sempre nos fica uma certa parte de liberdade. Talvez não cheguemos a aborrecer ou escolher um ato diferente, mas nós ficamos senhores de produzir ou não (?) ou de as produzir com mais ou menos força ou rapidez.

O desmaio. É uma das contra facões êxtase e pressupõe que um sistema nervoso foi atingido ou perturbado profundamente. Mas existe uma (folha 184) contra facão mais simples, mais anódina, do que as que apresentam o sonambulismo, etc..., E vem a ser o desmaio. Pode dar-se com uma pessoa muito anêmica ou esgotada pelas penitências indiscretas. Praita (sic) para estas pessoas uma emoção um pouco forte para que ela se manifesta, não será então isto que um vivo amor de Deus.

Santa Tereza, fala deste estado. Esta contra facão do êxtase se apresenta nas condições seguintes: 1º, a pessoa sente-a posta em oração; 2º, depois, cai nesta espécie de sono, durante o qual não pensa em coisa alguma; 3º, naturalmente, voltando a si, ela não se

lembra de nada. E se esta pessoa que chamam a este estado uma oração é unicamente porque ele teve na oração antes de lhe sobrevir o sono; talvez em estado de verdadeira quietude. Elas fazem este raciocínio: “pois que houve uma graça de oração no começo, é de supor que se esta graça continue”. Mais, isto não passa senão de uma hipótese inteiramente gratuita. Porque assim como pessoa cansada pode muito bem ceder ao sono vulgar durante o tempo em que ela recebe a oração de quietude; assim também se ela tiver um temperamento gasto, ela pode cair em fraqueza. Como se vê o que houve aqui, foi que o natural sucedeu ou sobrenatural e nada mais. Mas isto então não pe senão um estado patológico.

Scharamelli (tom. 3. n: 82), admite pelo contrário que existe neste estado, uma espécie particular de êxtase, que ele chama sono espiritual, tornando estas palavras um outro sentido diferente daquele de Santa Tereza. Mas ele supõe ao menos que um tal estado deixe bons efeitos e paz. A alma se encontraria então em uma profunda paz, e o espírito atacado a Deus e destacado das criaturas.

E é unicamente por causa destes efeitos que ele julga que o estado foi sobrenatural. Porém este argumento não conclui; pois, como sabeis vos que estes efeitos são devidos à oração feita há tal hora e não ao conjunto da vida espiritual? Ignorais-vos. Bem sei que direis que quando se sae desta espécie de sono, a pessoa sente-se calma ou cheia de “animação para a oração. Mas o sono natural produz o mesmo efeito reparador sobre as pessoas abatidas e cansadas”.

Uma boa noite as torna alegres e alertas. Enfim procuremos manter este princípio admitido por todos e comprovado pelos melhores exemplos; isto é, que o verdadeiro êxtase amplifica a inteligência e a vontade em vez de as deprimir e, sobretudo de as aniquilar. E se quisermos admitir uma exceção, (folha 185) espiritual - pelo que fica dito, segue-se que a união transformante é uma relação de natureza para com a natureza de Deus; porque esta é uma união de inteligência e de vontades entre eles, e ele é assim um casamento, “*Mariage*” com Deus.

Os místicos, porém, pairam aqui? Não concebem eles o matrimônio espiritual como um contrato mais especialmente com esta ou aquela pessoa divina?

Sobre esta questão eu não pude chegar a concluir coisa alguma. Muitos místicos falam de fato de uma união especial com o verbo; mas são tão poucos as explicações sobre este assunto que não se pode saber se trata-se da parte essencial do matrimônio espiritual o do que a sua piedade costuma adicionar. A venerável Maria de Escobar teve cerimônias de matrimônio, primeiro com o verbo (t. (?) l. (?) h. (?) s. (?)), em 1598 aos 44 anos. S. 2.;

em 1611, aos 57 anos. 1. 11., ch. XXII, 8. 4; em 1617). Depois com o Espírito Santo (t. (?) (?) (?). ch. XX (?) (?) (?) . 2, 3, 4; em 1622). Em uma das suas revelações lhe foi dito que o segundo destes matrimônios, tinha sido o principal. O padre Taner diz no prefácio dos “alvres da venerável Maria de Escobar”, que “quando quer esposar um homem, ele toma a personagem feminina da misericórdia ou da Labutria? Como acontece com São João L’ Aumonier, a São Lourent Justiniano e ao beato H. Lusa e a outros. Talvez não haja nesta diferença, profundas. A união transformante estabelece com a natureza divina uma relação que pode provavelmente se manifestar separadamente, como união com o Pai ou com o filho ou com o Espírito Santo”.

Papel de Jesus Cristo como homem - talvez o seu papel seja simplesmente como o de instintos assim como sucedeu com Santa Tereza (chateau 7 ch. II).

Na vida dos santos, é verdade que se fala do matrimônio com Jesus Cristo. Mas pode muito bem dar-se que se trate de uma outra união que não seja a que nos ocupamos. A palavra matrimônio encerra uma metáfora que não impede que se possa aplicá-la a diferentes uniões. Para resolver esta questão, seria preciso conhecer muitas pessoas que fossem favorecidas com esta graça. Geralmente falando os êxtases são mais raros quando se chega ao casamento espiritual. Santa Tereza observa este fato nela mesma: “O que me surpreende é que quando a alma chega a este estado, quase que não os êxtases mesmos e os vôos de espírito tornam-se muito raros”. (Chateau, 7. ch. III). (folha 186)

De resto ainda não se provou que o fato não tenha um certo número de exceções. Pois, há Santos em que os êxtases, etc., não diminuíram no fim de suas vidas. Pode-se, portanto, admitir com probabilidade que eles tinham chegado a união suprema. Sobre a certeza da Salvação – São João da Cruz diz que neste grau se é confirmado em graça (cent. Sto. 22).

Scharamelli e São Lourenço Justiniano oprimiam também assim. Não acontece o mesmo com Santa Tereza, ela apenas diz que então não se contém imperfeições ou pecados veniais deliberados. “Recanto aos mortais, cometidos voluntariamente está-se isento” (Chateau 8. ch. 15) mas isto não assegura o futuro absolutamente. E os Santos o dizem que “nem por isso podemos estar seguros da salvação” o mais que quero dizer quando o tempo em que Nosso Senhor a conduzir como que pela mão; ela não o ofenderá. (Chateau, 7 ch. II) das provas anteriores (com relação) não é fácil precisar quais serão as futuras; Santa Tereza não fala destas provações futuras, senão de uma maneira geral:

“Não se deve crer que as potências, os sentidos e as paixões sejam sempre na paz” (Chateau 6 ch. II).

Sobre as revelações e as visões

Estas graças tem muito menos importância que a da união mística de baixo do ponto de vista suponham o contrario. Diversas espécies.

Há três espécies de palavras sobrenaturais, segundo as faculdades mais notáveis que são postas em pratica; os ouvidos corporais, a imaginação e a inteligência. 1^o, as palavras exteriores ou oriculares são ouvidas pelos ouvidos, como sucede com as palavras naturais. A gente recebe ou ouve sons; porém, produzidos sobrenaturalmente. 2^o, as palavras imaginativas: São também formadas de palavras, como os precedentes, porém são recebidas diretamente sem o concurso dos ouvidos. Se pode dizer que elas são palavras intelectuais é uma comunicação simples de pensamento sem palavras; portanto, sem emprego de uma linguagem particular! Deus diz, Santa Tereza, inicia neste (?) sem palavras, que é a linguagem da Pátria. Nosso mesmo espírito, algumas vezes, verifica este fenômeno em si próprio.

Assim quando escrevemos, acontece seguido dissermos: “Eu não encontro vocábulos para exprimir bem o meu pensamento”.

As visões

São também de três espécies: 1^o, as visões exteriores, ditas também oculares ou corporais (folha 187) são percebidos pelos olhos do corpo. Um ser notável se forma ou parece formar-se diante de nós, e nós os percebemos como as coisas materiais que nos circundam. 2^o, as visões imaginativas consistem também em que se vê um objeto material, porém, sem o consenso dos olhos; porque ela é percebida pelos sentidos imaginativos. 3^o, as visões intelectuais são percebidas pelo espírito somente sem imagem interior. Pode-se ver assim a Deus ou aos anjos e até mesmo um objeto material; porém, por assim dizer, pela forma com que vêem os anjos. Tais visões podem ser obscuras ou claras. As visões que tem durante o êxtase ou em sonhos pertencem a uma das últimas

duas categorias. E pode ser muito bem que certos sonhos proféticos dos quais falam as escrituras constituam êxtases ou alguma coisa análoga.

Quando aparecem os anjos bons ou maus em uma visão corporal ou imaginativa, não são eles que nós vemos realmente, porque, eles não têm corpo; é uma forma emprestada, da mesma forma que se vendo um outro homem, não vemos realmente a sua alma; mas um reflexo desta em seu semblante. Quando o demônio aparece deste modo pode apresentar-se com os mesmos encantos, com o mesmo ar de santidade, que um anjo bom vê-se se o demônio era uma visão, é porque mesmo o faz ver. Então, a máscara cai salva, porém se a visão é muito obscura. Santa Brígida diz que se vise-se um anjo muito claramente se morreria de prazer, e que se fosse um demônio se morreria de medo e de horror. Pode-se também ter a vista intelectual da própria alma.

No estado natural percebemos somente nossos atos e daí concluímos sobre a existência das nossas faculdades; mas não percebemos diretamente estas faculdades. Ora bem, Deus pode elevar-nos sobrenaturalmente a um conhecimento mais profundo, pode mostrar-nos, isto é, nossa natureza tal qual ela é e até mesmo podemos fazer ver o seu estado de graça, etc. no céu teremos todos estes conhecimentos. As visões e palavras sobrenaturais não são concedidas geralmente com muita freqüência, senão quando a gente chega à idade do êxtase.

Santa Tereza ouviu palavras antes de ter missões. Esta mesma santa, com relação as visões diz; “Eu vi raras vezes o Demônio sob qualquer figura, mas ele apareceu-me muitas vezes sem ter nenhuma forma, como sucede nas visões intelectuais, ou assim como em disse, a alma vê claramente alguém que lhe esta presente, porém debaixo de forma alguma, eu entrei em êxtase e vi então... um grande número de anjos, mas eles não obstante isto, não me apareceram sob nenhuma forma (folha 188) sensível, porque a visão era intelectual”.

Detalhes descritivos: – Vamos ocuparmos-nos em 1º lugar das palavras interiores, principalmente das imaginativas e serei guiado pelos escritos de Santa Tereza:

1º, nitidez: as palavras interiores são perfeitamente distintas..., a alma os entende de uma maneira muito mais clara do que se elas lhe chegassem pelos sentidos.

Elas são pronunciadas por uma voz tão clara que não se pode perder uma só sílaba do que elas encenam.

2º, energia: Elas se impõe e a despeito de toda e qualquer resistência forçam a escutá-la. Sendo soberanamente independente da nossa vontade, elas obtém de nosso entendimento uma atenção perfeita a tudo aquilo que Deus quer dizer. A alma é então

como uma pessoa de bom ouvido a quem se fala muito de perto e em alta voz sem lhe permitir de tapar o ouvido. “E por bem ou por mal, ela ouvirá necessariamente”. Em que momento chegam estas palavras? As vezes tem lugar fora do êxtase e então nem improvisamente; quando se pensa em outra coisa; porém geralmente eles vêm durante o êxtase. Quando a alma tem visões, ou ouve palavras divinas no tempo que ela esta arrebatada, esta não acontece senão, quando o vulto chega e seu mais alto grau, as potências então, absorvidas em seu divino objeto. O que sucede somente no segundo período do êxtase.

4º. A ciência instantânea. “Quando é Deus que fala, sua palavra nos instrui em um instante, e nos faz compreender coisas que não poderíamos coordenar uma (?)”.

5º. Majestade “Percebe-se que eles vêm de uma pessoa muito Santa, muito sábia, de grande autoridade... e vem às vezes acompanhada de tal majestade, que sem considerar do que elas procedem, não podemos deixar de tremer, quando nos representam nossas faltas e de raios de amor quando elas nos testemunham amor”.

6º. Efeitos sobre a conduta: Quando as palavras divinas aconselham ou ordenam uma disposição interior, *verbi gratia* se elas dizem de estar em paz ou de reformar os defeitos, produzem surdamente esta mudança na alma “Elas são palavras cobram ao mesmo tempo” como a palavra que criou o mundo.

Santa Tereza diz que este é o sinal mais evidente mais certo que uma palavra vem de Deus. Pelo contrário: “As palavras que vem do entendimento, não produzem nenhum efeito” (*chateau*, 6 ch. III).

São João da Cruz dá o nome de substancial a estas palavras, e assim ficam distinguidas as palavras (folha 189) proféticas e de que são dadas para o bem dos outros. A alma, diz ele, não tem que fazer outra coisa senão aceitá-la sem trabalhar para as cumprir “. E acrescentar que nem o entendimento nem o demônio podem imitar a esta ação”.

Detalhes sobre as visões imaginativas de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo Santa Tereza (*chateau*, 8. ch. VIII, IX).

1º. A duração: Apresenta-se com a rapidez do raio. Se a alma for capaz de considerá-la por longo tempo Nosso Senhor, eu não cério que isto seja uma visão, porém, mais antes o efeito de um grande esforço de imaginação (*chateau* 6. ch IX). Deus mostra-se esta luz tão surdamente que se para vê-la fosse preciso somente abrir os olhos, não se teria à faculdade de vê-la à vontade, mas não importa que eles estejam abertos ou fechados (*chateau* ch. XXVIII).

Sucedem o contrário nas visões intelectuais: “As visões intelectuais de Nosso Senhor, em lugar de passarem prontamente ou rapidamente como acontece com os imaginativos; duram muito dias e as vezes mais de um ano. A felicidade de estar continuamente em companhia do divino mestre acrescenta uma extrema termina ao amor que tínhamos por ele. Nosso Senhor, que esta então junto da alma, a toma sem cessar atenta em sua presença”.

2º. Não se lhe pode argumentar a força. Nas visões imaginativas não é possível a alma de fixar Nosso Senhor como não é possível fixar o sol. Ele se faz ver quando lhe apraz e no grau que ele quer e no momento em que Ele quer. E basta mesmo que queiramos considerar alguma coisa de particular, para que Ele logo desapareça. “Eu desejaria veementemente conhecer a cor e a grandeza de seu olhos; porém, jamais merece um tal favor. Todos meus esforços não serviram senão para fazer desaparecer a visão”.

3º. A Energia: As vezes esta visão imaginativa age com tal força, que nenhuma alma poderia sustentá-la se Deus a não fortificasse, porém, um socorro muito sobrenatural, em fazendo-a entrar em êxtase. Porque então a visão se perde no gozo que se experimenta (Vida ch. XXIII).

4º. A Realidade e As Visões imaginativas: “Em certas circunstâncias o que eu via não me parecia ser senão uma imagem, mais em muitas outras ocasiões, tornava-se evidente para mim que o que eu via era realmente Jesus Cristo, e Ele mesmo”. Isto dependia do grau de claridade com que Ele se dignava mostrar-se a mim. As vezes, (folha 190) quando esta claridade era muito viva parecia-me que o que eu via não era senão uma imagem; mas uma imagem muito diferente dos retratos os mais bem acabados. Esta imagem era viva e não morta. (Vida ch. XXVIII).

5º. A observação das convivências: A alma a qual Deus concede estas sortes de graças, visões de Nosso Senhor Jesus Cristo torna-se mais humilde que outrora, porque reconhece que tudo isto é um dom de Deus, do qual ela não se pode desembaraçar nem por forma alguma fazer a aquisição. Esta consideração argumenta também o seu amor e o seu zelo. A contemplação infusa deve considerar-se uma graça gratuita? Não. Todas as graças é verdade podem chamar-se gratuitas, enquanto que Deus não é obrigado a conceder-nos; e é esta etimologia da palavra graça; porém, os teólogos servem-se deste vocábulo graças gratuitas em um sentido mais restrito. Com estas expressões designam as graças como o dom das línguas ou dos milagres que nos são concedidos unicamente para o bem espiritual do próximo.

As visões estão muitas vezes no numero de graças desta categoria, mas não podemos dizer o mesmo com relação à contemplação infusa; porque antes de tudo elas são concedidas para nosso bem. Além disto, esta contemplação não é mais a graça santificante, isto é, a graça que nos torna formalmente agradáveis a Deus; porém ela esta unida como o meio ao fim, da mesma forma que a graça atual, os hábitos infusos e os dons do Espírito Santo, em uma palavra todos os auxílios.

Na realidade, como Santo faz notar, há três sortes de graças (Cote Soarez, *De Gratia*, pro leg. 3, C, IV, n: 14, 15. vide encor Joseph. Da Cant. Esprit. T II, disp. 11. n: 54)